

BLUMENAU

em cadernos



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Blumenau 150 Anos
1850 - 2000



TOMO
MAIO

XLI
2000

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura

Vilson do Nascimento



**Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”,
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 2000 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”
ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC

Fone/fax: (047) 326-6990

E-Mail: funculbl@zaz.com.br

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

Igreja Matriz São Paulo Apóstolo,
em várias fases de sua história

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Annemarie Fouquet Schünke, Cezar Zillig,

Cristina Ferreira, Ivo Marcos Theis,

Méri Frötscher, Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO

Vitor Alexandre da Cruz

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

Um tour à região dos pinheiros entre o ribeirão Krauel e o Índios	07
Colônia Blumenau: relatório geral sobre o ano de 1866-1867 <i>Hermann Wendeburg</i>	16
O crescimento do mercado interno numa Colônia do Império – O Caso de Blumenau: 1850 - 1880 (Parte 1) <i>Anselmo Antônio Hillesheim</i>	26
A estação rodoviária de Blumenau	37
Proposta de um programa para as exposições coloniais <i>Dr. Hermann Blumenau</i>	43
Denominações antigas de localidades de Blumenau <i>Nelson Pamplona</i>	56
Escravos e senhores / Presente dos deuses / Os três “Portugas” <i>Enéas Athanázio</i>	60

**Um tour à
região dos
pinheiros
entre o ribeirão
Krauel e o
Índios**

O texto a seguir foi selecionado para proporcionar àqueles que buscam no grande Vale do Itajaí uma leitura elucidativa, novos olhares e referenciais relativos à ocupação, dificuldades enfrentadas, observações registradas, orientações quanto aos acidentes geográficos e hídricos destas terras que foram também caminho dos nativos.

A aprazível região do alto Vale do Itajaí, foi colonizada no final do século XIX pela Sociedade Colonizadora Hanseática e amplamente divulgada na imprensa européia para atrair novos imigrantes.

O teor do texto enfoca uma expedição realizada há 92 anos passados. As impressões dos membros foram publicadas no periódico "Der Hansabote" (30 de maio de 1908), jornal de grande aceitação na região de Hammonia, atual município de Ibirama.

Este jornal foi fundado em 1904 pelo pastor e professor Dr. Paul Aldinger, e estava voltado aos assuntos agrícolas e escolares, publicando também notícias referentes conflitos com índios e o processo de pacificação.



Travessia do Ribeirão Krauel - Ibirama

Eine Tour zum Pinien-Gebiet Zwischen den Flüssen Krauel und Indios

Unmittelbar über der diesmaligen Lagerstätte am erhöhten Uferrand fand ich einen sehr geeigneten Platz zu einem Rancho. Während die andern eine Hütte bauten, ging ich am Fluße etwas höher, wo gleich darauf ein größerer Bach einmündet, und orientierte mich genau nach der von Herrn Ingenieur Deeke gemachten Aufnahme des Krauel. Der Rancho war fertig, der Kahn hochgezogen und festgemacht; ein Teil der Vorräte wurde hier niedergelegt. Nun ging es ins Unbekannte, den Bach aufwärts, in ziemlich westlicher Richtung. Den Bach nannten wir zu Ehren des im Flußgebiet des Hercílio noch nicht verewigten Herrn Kommerzienrat Stoltz und seiner Familie in Hamburg und Rio de Janeiro „Stoltzenbach“.

Wir stiegen zunächst im steinigen Bett des Stoltzenbachs aufwärts, mußten es aber bald wegen eines hohen, steilen Falles verlassen und am Uferrande mühsam hochklettern. Oben wird das Tal flacher und weiter; der Lauf des Baches, den wir wieder aufsuchten, regelmäßiger; das Wasser fließt oft über schöne Sandsteinplatten hin, ein Labsal für die Füße von Herrn Stieren, die sich mit den rauhen und einzelne Steinen und Felsbrocken nicht befreunden wollten. Das große Taquararohr hatten wir längst hinter uns gelassen; an seine Stelle war Taquara mansa, das zahme, kleinere, ohne Dornen, getreten. Der Wald wurde lichter. Die Hunde trieben mehrfach Wild, aber es flüchtete tiefer in den Wald oder zum Krauel. Ein Hund Schweizers ging mit einem Reh ab und kehrte erst am nächsten Tag auf unserer Spur zurück. Die Nacht brach an; wir blieben neben dem Bache; die trockenen Rohrstangen gaben ein lustiges, helles Feuer. Dr. Nordenskiöld schreibt in „Südamerikanische Stimmungsbilder“ (Süd und Mittelamerika Nr 5 von 1908): „Wie schön ist nicht ein solches Lagerfeuer, wenn man müde nach des Tages Arbeit einander über die Erlebnisse und Pläne berichtet oder in Träume versunken zusieht, wie die Flammen sich gleich Erinnerungen formen und absterben! Beim Lagerfeuer ist es, wo man zuerst mit voller Kraft fühlt, wie das Leben in der Natur uns gefangen nimmt und uns unwiderstehlich festhält. Der stille Wald, die phantastisch erleuchteten Bäume, die Zigeunerfreiheit; Haben Sie jemals an einem Feuer im Walde gesessen und geträumt? Haben Sie gefühlt, wie die schmeichelnden Flammen sich in uns graben und das hervorzüngeln, was man im tiefsten Innern hat, etwas wovon man sonst selbst nichts weiß und das zu dem Besten gehört, was man besitzt.“ Oder rücken wir diese Worte aus dem romantischen Halbdunkel des Urwald-Lagerfeuers näher an den Lichtschein, welche stimmungsvolle Lage, fern vom Geräusch der Welt, den Puls des eignen, mit Christo in Gott verborgenen Lebens zu fühlen!

Um tour à região dos Pinheiros entre o ribeirão Krauel e o Índios

Diretamente acima do leito do rio, à margem superior, encontrei um lugar apropriado para um rancho. Enquanto os outros construíam cabanas, subi pela margem do rio, onde logo adiante desemboca um riacho maior e me orientei exatamente pelo levantamento do rio Krauel feito pelo Sr. Eng. Deeke.

O rancho estava pronto, a canoa atracada e uma parte das nossas provisões foi depositada aqui. Então partiu-se em direção ao oeste, para o desconhecido ribeirão localizado acima, por nós denominado Stoltzenbach, em honra ao Sr. conselheiro comercial Stoltz e sua família de Hamburgo e do Rio de Janeiro. Em seguida, subimos o pedregoso leito do Stoltzenbach, no entanto, logo adiante tivemos que abandonar o trajeto, devido a uma alta e íngreme queda d'água, e seguir com dificuldade pelas margens. No alto, o vale se torna mais plano e mais largo, o curso do ribeirão que procurávamos mais regular. A água corre amiúde sobre lindas lajes de cantaria, um alívio para os pés do Sr. Stieren, que não queriam familiarizar-se com as pedras e rochas ásperas. Havíamos deixado para trás o grande taquaral e este dava lugar à taquara mansa, menor e sem espinhos, onde a mata se tornava mais rala. Os cães, por várias vezes, acuavam animais selvagens, que fugiam mata adentro ou em direção ao Krauel. Um dos cães do Schweizer fugiu levando um veado e voltou apenas no dia seguinte, farejando o nosso rastro. Quando rompeu a noite, permanecemos próximos ao ribeirão e as taquaras secas forneciam crepitante, divertida e clara fogueira.

O Dr. Nordenskiöld escreve no "*Südamerikanische Stimmungsbilder*" (Süd und Mittelamerika nrº 5 de 1908)¹: "Como é maravilhoso sentar-se ao redor de uma fogueira assim, após um dia exaustivo de trabalho e juntos relatar sobre acontecimentos, planos ou sonhos e, meditando, observar como as chamas formam recordações e vão se extinguindo aos poucos. Junto à fogueira é que se sente uma força intensa e como a vida na natureza nos prende irresistivelmente. A mata silenciosa, as árvores luminosas, essa liberdade cigana: alguma vez você já esteve sentado junto a uma fogueira no mato, sonhando? Sentiu como as chamas adulas se impregnam e ressaltam em nós o que possuímos em nosso ser mais íntimo? Algo sobre o qual nós mesmos nada sabemos e que pertence àquilo que possuímos de melhor?". Será que estas palavras vêm à luz na penumbra da romântica fogueira da mata virgem, distante dos ruídos do mundo, sentindo o pulsar de sua própria vida com Cristo e em Deus.

¹ N.T.: "Impressões sulamericanas" (América do sul e Central).

In einem Zuge verschläft man gewöhnlich die Nacht im Waldlager nicht. Nach Mitternacht wird man meist wach, schürt das Feuer auf, wärmt sich durch und legt sich von neuem zum Schlaf, den 6 Hunde bewachen, weßhalb wir selbst uns ganz sorglos der Ruhe hingaben. Wer zuerst aufwacht, wenn der Himmel etwas heller durch die Bäume scheint, setzt den Wassertopf ans Feuer zum Frühstück, der mit trockenen Maniokmehl gereicht wird. Die volle Schönheit eines Urwaldlagers kommt aber beim Aufbruch zum Vorschein! Keine Rechnung und kein Trinkgeld! Achtung nur, daß nichts vergessen wird!

Beim Weitermarsch bereitete uns der Bach bald eine große Ueberschung. Er erweiterte sich zu einem kleinen See, dahinter eine fast künstlich regelmäßig geformte Felsengrotte, 25 Meter lang, 10 Meter tief und 5 Meter hoch; von oben ergießt sich das Wasser in freiem Sturz herunter. Wir nannten die Höhle zu Ehren der Braut und nunmehr Gemahlin von Herrn Hans Stoltz die Magdalenen-Grotte.

Bald sollte eine weitere Ueberraschung kommen. Mit lautem Freudengeschrei wurde die erste Pinie, der charakteristische Nadelholzbaum des Hochlands, begrüßt. J. Schweizer schnitt das Schweizerwappen hinein und nahm vom Lande als „brasilische Schweiz“ Besitz. Ob ein Kolonial und Seekrieg mit der Schweiz daraus sich ergibt weiß ich nicht. Ich bin jedenfalls unschuldig daran. Der mannsdicke überaus hohe, ganz gerade Stamm wurde von R. Hergert erklettert, der von seinem hohen Standort aus nun nicht bloß die Lage von Berg und Tal beschrieb, sondern auch meldete, daß gerade aus vor uns, in etwa 2 – 3 Stunden vor uns zu erreichen, eine Rauchsäule sich aus dem Walde erhebe. Da er es schließlich auf unsere Ungläubigkeit hin als Ehrensache nahm, daß es Rauch und nicht Nebel sei, und kein anderer der Aufforderung Folge leisten konnte, sich von der Spitze der Pinie selbst von der Tatsache zu überzeugen, so mußte der Umstand, auf ein Indianer- (Buger-) lager zu treffen, wenn wir geradlinig weitermarschierten, in Erwägung gezogen werden. Eine direkte Annäherung durch einfaches Drauflos-Marschieren konnte von den Wilden nach den früheren Vorgängen nur als Feindseligkeit aufgefaßt werden, die gar nicht in meiner Absicht lag. Wir mußten uns erst sichere Kundschaft verschaffen und dann allmählich den Wilden bemerklich werden und ihnen durch unser Verhalten zu verstehen geben, daß wir nichts Feindseliges gegen sie vorhatten. Es galt also zuerst einen Beobachtungsposten zu beziehen. Auf der linken Seite des Bachtals war eine steile Serra gesichtet worden, mit schroffen Felswänden. Hier konnte man vielleicht über die Wipfel der Bäume hochkommen und Uebersicht gewinnen. Wir durchquerten das Tal bis an den Fuß der Serra. Hier sperrte zunächst ein riesiges Steintrümmerfeld, ein Wirrsal übereinandergestürzter Felsblöcke, von Ranken und Wurzeln umspinnen, den Weg. Die Gebirgsstufe selbst stieg unmittelbar hoch auf wie eine unersteigbare Mauer; sie zog sich in gleicher Linie mit dem Tale

Normalmente em acampamentos na mata não se dorme a noite inteira. Geralmente acorda-se à meia-noite, atiza-se o fogo, aquecendo-se e voltando novamente ao sono, que é vigiado por seis cães, razão pela qual nos entregamos tranquilamente ao repouso. Quem acordar primeiro, assim que a claridade do céu começa a transparecer por entre as árvores, coloca a panela com água no fogo para o café da manhã, que é servido com farinha de mandioca seca. A beleza total de um acampamento na mata, acontece na hora da partida: nenhuma conta ou gorjeta a pagar, apenas atenção para que nada seja esquecido!

Ao continuarmos nossa marcha, o riacho logo nos proporcionou uma grande surpresa, pois se transformou num pequeno lago. Por detrás se formava uma gruta de pedras regular, quase artificial, medindo 25m de extensão, 10m de profundidade e 5m de altura, sendo que do alto, a água cai em queda livre. Denominamos a caverna de Grota Magdalena, em honra à noiva e doravante esposa do Sr. Hans Stoltz.

Logo surgiria uma nova surpresa e com um grito de alegria, saudamos o primeiro pinheiro, árvore conífera, característica da região serrana.

J. Schweizer entalhou nele o brasão suíço, tomando posse da terra como propriedade brasileira-suíça. Se isto resultará numa guerra colonial e marítima com a Suíça, eu não posso saber, mas para todos os efeitos, sou inocente nessa história. O tronco totalmente reto, com uma circunferência comparável a de uma pessoa, foi escalado pelo Sr. Hergert, que lá de cima não apenas descrevia toda a redondeza, como também anunciava que exatamente à nossa frente, num alcance de 2 – 3 horas, se levantava uma coluna de fumaça.

Diante da nossa incredulidade, tomou como questão de honra comprovar que não se tratava de neblina e sim, de fumaça. Como ninguém se atrevia a seguir o exemplo de Hergert lá do alto do pinheiro, ele nos convenceu em caminhar diretamente em frente e assim encontraríamos uma aldeia indígena. Uma aproximação direta da nossa parte, através de uma simples marcha em direção a essa aldeia, poderia ser interpretada pelos selvagens como um ato de hostilidade, mas isso realmente não era nossa intenção. Primeiramente, precisávamos conseguir informações precisas e, aos poucos, através de nossas atitudes, dar a entender aos índios que não tínhamos má intenção alguma contra eles.

A princípio, valíamos-nos da idéia de conseguir um posto de observação. No lado esquerdo do riacho, avistou-se uma serra íngreme com paredões de rochas enormes e atravessamos o vale até o pé da serra. Talvez nesse lugar pudéssemos subir nas copas das árvores para alcançar uma vista geral. Aqui o caminho foi bloqueado por um enorme paredão de pedras em ruínas, uma barafunda de blocos rochosos cobertos por raízes, cipós e baraços. A encosta da cadeia se elevava tanto, a ponto de causar a impressão de que o muro não poderia ser escalado, prolongando-se em linha reta até o vale.

hin. Da dies fast rechtwinklich auf den Krauel zulief, so mußte der Berg gegen das Krauelthal zu sich wenden und hier eine Rippe bilden, welche den Anstieg vielleicht ermöglichte. Wir zogen uns zunächst aus den „Hünengräbern“ zurück und strebten der Bergkante zu. Die Sonne neigte sich schon, als wir dort anlangten. Ein gestürzter starker Stamm lud geradezu ein, das Gepäck darauf abzulegen. Nun kletterte ich mit Schweizer hoch. Es ging, wie gewünscht, gerade auf der Kante; erst steil dachförmig, dann felsig, mit bröckeligen Steinen. Schon von unten waren mir zwei eigentümlich aufrecht stehende Felsgebilde aufgefallen. Es waren Felsen, die hart am Abgrund, oben so breit wie ein kleines Zimmer, auf einer Unterlage von der Größe einer Tischplatte ruhen; den weniger gefährlich aussehenden erstiegen wir. Eine großartige Felskanzel mit herrlicher Aussicht! Ueber die Täler und Höhen der Hansa ragte wie die Nase aus dem Gesichte der Tabuarasberg. Die sonst so vorwitzige und stolze Bastion der Serra do Mirador lag bescheiden zur Seite. Wie ein Stein auf dem Stubenboden stellte sich der runde Buckerkopf mit seinen von der Sonne hell beschienen Felswänden. Am Horizont die vertrauten Gestalten von Spitzkopf und Sargberg. Krauel aufwärts Pinien mit scharfen, schwarzem Umriß aus dem graugrünen Blättergrund des Laubwalds sich abhebend. Am Rand nach Nordwesten, über die geraden, einförmigen Kämme sich erhebend, wohl der Morro Taio.

Doch wo bleibt das Indianerfeuer? Verborgen. Der Berg schiebt sich an der Kante zurück und verdeckte die Aussicht gerade in der gewünschten Richtung. Die ganze Höhe zu ersteigen und auf der Platte oben weiter zu gehen, war unmöglich. Wir nannten den ganzen Bergzug Stoltzenberg, den Aussichtspunkt Helenenfelsen. Jenseits des Stoltzenbachtales zieht eine gleichlaufende Stufe mit scharfer, felsiger Abkantung, der Föhrberg mit dem Marienstein, dann erniedrigt sich die Höhe, auf der die Wasserscheide zwischen Indios und Krauel läuft, einen bequemen Anstieg ins Pinheiral bietend, und schwillt dann nochmals stark und massig an in der Krauel-Serra, die hinter Neuzürich sich erhebt.

Bei den Gefährten unten, zu denen wir ohne Unfall abstiegen, fand mein Vorschlag eines Lagers an Ort und Stelle, ohne Wasser, wenig Gegenliebe; längeren Aufenthalt erlaubten die Vorräte nicht, bei denen man auch mit Not und Unglücksfällen rechnen muß. Die erhoffte Jagdbeute, Wildschweine und Jacutingas, blieb aus. Der Hauptzweck dieser mit so wenig Teilnehmern gemachten Tour, eine erste Aufklärung über diese Gegend zu gewinnen, war erreicht! So eilten wir in der Richtung dem Krauel zu, um in einem sich bildenden Bach bis zu Wasser und an einen geeigneten Lagerplatz zu kommen. Mit Einbruch der Dunkelheit gelang beides und in beschleunigter Weise verrichtete jeder sein Lageramt.

Dieser kleinere Bach mußte den Krauel oberhalb unseres Rancho treffen. Ich war beim Weitermarsch am Morgen erstaunt, nach verhältnismäßig

Retiramo-nos primeiramente dos dólmens e esforçamo-nos para alcançar a beira da montanha. O sol já estava se pondo quando lá chegamos e um espesso tronco caído convidou-nos a depositar nossa bagagem nele. Então, cheguei a subir com o Schweizer exatamente na beira, o que transcorreu conforme o esperado, mas a princípio era íngreme, em forma de telhado, a seguir tornava-se rochosa com pedras quebradiças.

Quando estávamos embaixo, duas formações rochosas singulares chamaram minha atenção, pois eram rochas à beira de um abismo íngreme. A extensão da superfície na parte superior era do tamanho de um pequeno quarto, descansando sobre uma base do tamanho da superfície de uma mesa e nós escalamos a rocha de aparência menos perigosa. Era um grandioso púlpito de pedra, com uma vista maravilhosa e sobre os vales e as alturas da Hansa erguia-se a montanha Tabuara, da mesma forma que o nariz se salienta no rosto e eis o outrora curioso e ativo bastião da Serra do Mirador, agora modestamente encolhido. O redondo Buckerkopf, com seus paredões iluminados pelo sol, posicionava-se como uma pedra sobre o assoalho de uma sala.

No horizonte, os vultos familiares do Spitzkopf e do Sargberg e mais acima do Krauel, o contorno escuro dos pinheiros contrastava com a folhagem cinza esverdeada da densa floresta.

O morro Taió ergue-se em direção ao nordeste, sobre a reta e uniforme cadeia de morros.

Porém, onde ficou o fogo dos indígenas? Escondido! A visão panorâmica desejada é justamente encoberta pela beira da montanha. Subir toda aquela altura e continuar o caminho por sobre a chapada era impossível. Nós denominamos "Stoltzenberg" toda a cadeia de montanhas e o ponto de observação, de Helenenfelsen. Do outro lado do vale do rio Stoltz, ergue-se o Föhrberg com o Marienstein, entre um degrau com forte e rochosa quina, degradando-se então a elevação sobre a qual corre a linha divisória das águas entre o Índios e o Krauel, oferecendo a seguir uma subida ao Pinheiral, alargando-se mais uma vez na localidade da Serra do Krauel, a qual se eleva por trás de Neuzürich.

Minha sugestão de acamparmos aí mesmo, sem água por perto, não teve aceitação junto aos companheiros que nos aguardavam descer. Nossos mantimentos não permitiam uma estadia mais prolongada, além do mais tínhamos de contar com eles para um caso de emergência, pois a caçada aos porcos do mato e às jacutingas não aconteceu.

O principal objetivo desse tour, empreendido por tão poucos participantes, foi fazer um reconhecimento da região, e este nós alcançamos.

Assim nos deslocamos em direção ao Krauel, a fim de nos aproximarmos da água, para encontrar um local apropriado para acampar e fomos bem sucedidos, pois ao cair da noite, apressadamente cada um desempenhou sua tarefa

geringem Weg und Abstieg plötzlich einen freien Wasserspiegel leuchten zu sehen. Es war der Krauel, der hier einen kleinen, fast runden See bildet. Ein in diesen See von der andern Seite her einmündender Nebenfluß wurde Rio Mörsch genannt. Die Hoffnung, nun leicht und mit ergiebiger Jagd den Fluß abwärts ziehen zu können, wurde arg getäuscht. Auf der ganzen Strecke, von hier bis zum Rancho, fällt der Krauel fortwährend nicht über Steine und Felsbänke, sondern über Felsen und Felsmauern, durchsetzt von trichterförmigen Vertiefungen (pilões, in der Schweiz Gletschermühlen genannt) bis zu Brunnen-Tiefe und Größe. Dazu durch einen leichten Regen alles glatt und schlüpfrig. Auf der rechten Landseite, der wir folgten, wars nicht viel besser; hohe steile Ufer, mit Felsen übersät, über und unter denen wir krochen und schlüpfen. Schon wollte mich eine Sorge über die Richtigkeit unseres Weges beschleichen, da standen wir endlich wieder an der Mündung des Stoltzenbachs und bald darauf an unserem Rancho, wo wir die hinterlegten Vorräte unversehrt antrafen. Die Strecke von hier bis nach Hause, die uns im Anmarsch mehrere Tage gekostet hatte, legten wir tags darauf an einem Tag zurück.

Auf Grund der von Herrn Deeke am Indios und Krauel gemachten Aufnahmen, weshalb wir die Fälle Deeke Fälle nannten, der Schilderung der Bujerjäger und der eigenen gewonnenen Uebersicht möchte ich behaupten, daß aus der jetzigen Hansa von Hammonia und Neubremen der nächste und bequemste Weg zum Hochland von Indios oder Krauel durch das Hochtal des Stoltzenbachs geht, das zu der breiten und langen, pinienbewachsenen Platte heranzführt, die sich zwischen dem Westarm des Itajahy und Krauel-Nordarm vom Massiv des Hochlandes aus der jetzigen Kolonie entgegenschiebt. Das Pinheiral, bis jetzt völlig weltabgeschieden und Pinien und Kokeiren-Nahrung bietend, war bisher der sicherste Zufluchtsort der Wilden. Zu versuchen, diesen hier eine Art von Schönplatz zu belassen, sie zu zähmen und sie vom reinen Jagd und Früchte-Sammel-leben zu einer Wirtschaftsform mit etwas Pflanzung und Viehhaltung überführen, wäre christlich und menschlich, und hätte noch ein besonderes Interesse, da diese Wilden, wie Herr Dr. Gensch gefunden hat, nach Sprache und Abstammung eine höchst eigenartige Stellung einnehmen. Es handelt sich um so wenige, daß die Frage und Befürchtung der Rassenvermischung keine Rolle spielen kann. Das Reservat wäre gewissermaßen ein vorzeitliches Museumsstück im Freien, müßte aber unter Ausnahme-gesetz stehen, denn um die Wilden des Urwalds in eine schnaps-saufende Bande von Zigeunern zu verwandeln, dazu möchte ich weder die Hand noch die Veranlassung bieten.

no acampamento.

Esse pequeno riacho deveria desembocar no Krauel, logo acima do nosso rancho. Na manhã seguinte, retomando nossa caminhada, após pequeno caminho e descida relativamente curta, admirei-me em encontrar de repente um espelho d'água brilhando a céu aberto. Era o Krauel que formava ali um pequeno e quase redondo lago. Do outro lado deste, desembocava um afluente denominado rio Mörsch.

A esperança de seguirmos facilmente e encontrarmos proveitosa caça rio abaixo foi totalmente malograda. Em todo o trajeto até o rancho, o Krauel não corre continuamente sobre pedras e bancos rochosos, mas sim incessantemente sobre rochas e paredões de rochas cortadas por pilões em forma de funil, com tamanho e profundidade de poços, onde uma leve chuva deixa tudo escorregadio e liso. Sobre a margem direita, por onde seguíamos, a situação não era muito melhor, pois havia margens altas e íngremes, cobertas por rochas sobre e sob as quais pulávamos e rastejávamos.

Assim que comecei a me preocupar sobre a exatidão do nosso caminho, estávamos finalmente de volta à foz do Stoltzenbach e logo adiante ao nosso rancho, onde encontramos intactos os mantimentos anteriormente depositados. Vencemos então em apenas um dia o trecho daqui até em casa, que na vinda nos custou vários dias de caminhada.

Baseados nas fotos feitas pelo Sr. Deeke nos rios Índios e Krauel, motivo pelo qual denominamos as quedas de "Quedas Deeke", nas descrições dos caçadores de bugres e através da própria visão adquirida, quero afirmar que pela atual Hansa, partindo de Hammonia e Neubremen, o caminho mais próximo e confortável para chegar à região serrana do Índios ou Krauel, segue através do alto do vale Stoltzenbach, o qual conduz à larga e extensa chapada coberta por pinheiros, que se confronta entre o braço leste do Itajaí e o braço norte do Krauel. A região Pinheiral, até então totalmente isolada do mundo, oferecendo provisão alimentar através de seus pinheiros e coqueiros, foi até o momento, refúgio mais seguro para os selvagens. Preservar este lugar, tentar civilizá-los e convencê-los a praticarem agricultura e pecuária seria, acima de tudo, uma questão humana e cristã, havendo, além do mais, um interesse especial. Conforme a opinião do Sr. Gensch, esses selvagens têm um destaque altamente particular no que se refere à sua descendência e ao seu idioma.

Em se tratando de um número tão insignificante, a questão e o receio de uma miscigenação não vem ao caso. A reserva seria de certo modo um museu ao ar livre, entretanto, deveria estar sob a proteção da lei de exceção, pois eu não instigaria e muito menos transformaria os selvagens da mata em um bando de ciganos bebedores de cachaça.

Fonte: "Der Hansabote" Hammonia, 30 de maio de 1908.

Burocracia & Governo

Colônia Blumenau: Relatório Geral sobre o ano de 1866 - 1867

TEXTO:

HERMANN
WENDEBURG*

Relatório Geral sobre o ano de 1866

Apresento junto o mapa estatístico com todos os dados e algarismos de importância sobre a Colônia a meu cargo e por esta razão restrinjo-me ao comentário dos assuntos que merecem especial menção.

As **Estações** foram pouco favoráveis, tinha chuvas grossas e copiosas, especialmente no princípio do ano e no mês de setembro que prejudicaram em parte as plantações; o maior dano porém causou a frieza extraordinariamente forte, que ocorreu no mês de junho e se estendeu sobre esta e as províncias vizinhas. As plantações de café, ainda novas, foram quase arruinadas; as de cana-de-açúcar, de mandioca, de aipim, tubérculos etc. e os pastos gravemente prejudicados. Para completar os males e em consequência das chuvas na primavera, acharam-se ainda os bichos consumindo parte das novas plantações de milho, feijão etc. e dos pastos; porém felizmente é a favor do clima e a uberdade das terras bastante grande para compensar em pouco tempo aqueles abundantes prejuízos, só com exceção da cultura de café que precisa mais tempo para o seu restabelecimento.

O **serviço da direção** continuou na sua marcha regular e costumeira, achando-se os livros e a escrituração em dia.

Sobre a **nomeação de tutores para os órfãos** posso repetir o que já disse no ano passado, que ainda sempre há número de órfãos; em maior parte sem fortuna, que carecem do dito benefício, visto que não se realizou a outra visita que prometeu o juiz competente.

* Documentos datilografados registrados sob número PO2.27 – doc. 280 e PO2.31 – 315, Acervo Blumenau Colônia – Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”.

A moralidade pública na Colônia foi satisfatória, não se dando crimes ou delitos de importância.

Os cultos católico e evangélico foram celebrados como no ano passado e esta direção não deixa de empregar toda a diligência para que tenha lugar a execução necessária das disposições do Decreto de 17 de abril de 1863. A respeito dos registros de casamentos, nascimentos e óbitos entre católicos o que muito dificulta é o fato dos registros dos protestantes não poderem esquecer os costumes da sua pátria, onde o pastor evangélico é incumbido oficialmente sobre o dito registro.

O ensino da mocidade continuou em curso regular. Foram acabados neste ano, com o auxílio do Governo Imperial, duas novas casas de escolas particulares, uma no alto Garcia e uma no Rio do Teste.

O estado sanitário foi excelente. Foram vacinadas 591 pessoas, menores e adultos: Entre os óbitos, 16 são de crianças até cinco anos, e 8 por desgraças.

A imigração foi um pouco mais numerosa do que no ano passado e talvez tivesse sido ainda muito menor, se o Dr. Blumenau não residisse na Alemanha empregando todos os esforços possíveis para animar a emigração espontânea para o Brasil. A culpa pode ter sido em parte à guerra alemã, mas há outras e mais importantes causas, que se opõem à imigração para o Brasil e que se dirigiam em grande escala para a América do Norte, e o Diretor Dr. Blumenau já se explicou sobre as mesmas em diversas ocasiões. Um dos pontos principais que forma obstáculo relevante entre os evangélicos do Norte Alemanha, em geral reconhecidos em todo o mundo como os imigrantes preferidos, é a desigual autorização das religiões diferentes do Estado.

A este respeito seria desejável e de importantíssima urgência que no Brasil fosse adaptado o casamento civil. Outro impedimento é que as autorizações, digo as administrações de colônias não podem contar com o auxílio do Governo Imperial para a imigração, se não de ano em ano, ao menos não conhecem os meios que o Estado concederá nos anos futuros. Não é possível que a imigração se torne em grande escala neste país, se o auxílio do Estado não for regulado e concedido, conforme um plano bem elaborado por um maior espaço de tempo. Enfim parece-me grande falta que a imigração se disperse em muitas pequenas colônias, em parte recolhidas com pouca fortuna a respeito da uberdade do terreno e do clima. É fato que ocorre a todos que vivem alguns anos numa das colônias alemãs, que só podem

prosperar e desenvolver-se para o bem estar dos próprios moradores como para o interesse do Estado, com uma população suficientemente numerosa. O território desta colônia no Itajaí-Açu reúne felizmente as condições precisas para o sustento e prosperidade de muitos milhares de moradores; tem vastos terrenos férteis, clima excelentemente salubre, comunicação por água com o mar e a certeza que se pode fazer sem grandes dificuldades uma via para os campos acima da Serra, que oferece outras grandes vantagens. Também já se estabeleceram aqui diversos colonos com suas famílias de colônias menos favorecidas pela natureza e muitos desejariam poder seguir aqueles, não obstante as despesas e incômodos de tal mudança, mas não podem alcançar a licença para isso. O impedimento de tal mudança de uma colônia do Estado para a outra, com a obrigação das respectivas pessoas de pagar as dívidas contraídas na primeira e também na outra, me parece pouco conveniente não só pelo interesse do Estado como do colono, e mesmo da colônia de que pretende sair. Posto que o colono é homem probo e regular não deixará suas terras e os melhoramentos realizados nas mesmas, para empreender às suas custas uma viagem sempre penosa com a família e depois principiar de novo os trabalhos rigorosos do primeiro estabelecimento na mata virgem, sem fundos. Retido apesar disto e contra sua vontade em uma situação em que julga não poder viver, não deixará de tornar-se mau colono que nunca cumprirá as suas obrigações com o Estado, nem servirá ao bem da colônia onde é constrangido a ficar.

As medições e demarcações executadas na primeira metade do ano regularmente, foram na segunda por algum tempo interrompidas, por falta dos fundos. O mesmo deve se mencionar sobre **as obras e trabalhos públicos e as vias de comunicação** e a este respeito posso me referir ao relatório de 13 de dezembro p.p.

Da mesma maneira já informei sobre a **lavoura e produção agrícola** no meu relatório de 17 de dezembro p.p. Tenho só a acrescentar que a produção de açúcar teria sido melhor, sem a geada forte de que falei.

Em geral pode-se dizer que o estado da Colônia seja satisfatório. A produção deve aumentar muito nos próximos anos, visto que grande parte de colonos, que até agora participaram do ganho nos trabalhos públicos, estão estabelecidos bastante tempo para não mais precisar deste auxílio, de que só gozam os imigrantes do ano corrente e do passado; e por isso os mais antigos podem e devem empregar toda a diligência à lavoura.

Como já expliquei muitas vezes esta Colônia reúne todas as condições naturais; de clima salubre, de boas e vastas terras e posição favorecida para o sustento e bem estar de uma população muito numerosa, onde auxílios e medidas convenientes e bem escolhidas poderiam ser introduzidos.

Colônia Blumenau, 31 de dezembro de 1866

Colônia Blumenau **Relatório geral sobre o ano de 1867**

O mapa estatístico, que acompanha este relatório, apresenta todos os algarismos e dados de importância sobre a Colônia a meu cargo e restrinjo-me ao comentário e à exposição dos assuntos mais importantes.

As estações decorreram bastante regulares e em geral favoráveis à lavoura. No princípio do ano causaram copiosas chuvas temporais, estragos consideráveis em pontes e estradas e houve muita chuva até o fim do mês de outubro, mas felizmente as águas não transbordaram e o inverno não foi rigoroso. O tempo nos últimos meses no ano era sereno e seco.

A administração da Colônia continuou regularmente, como de costume. Em conformidade com o decreto no. 3784 d. d. 19 de janeiro de 1867 começou o Conselho da Colônia os seus trabalhos.

Há poucas semanas chegou a esta Colônia o Sr. Major José Henrique Flores, juiz municipal **e dos órfãos** interino, mandou fazer alguns inventários, nomeou tutores, e graças aos benévolos sentimentos do mesmo senhor, por custas muito limitadas. Apesar disso ficam ainda mais negócios desta natureza para regular e sem dúvida hão de aumentar-se sempre. A grande distância desta Colônia da sede do Município faz as visitas dos juizes respectivos muito raras e dispendiosas e entretanto ficam os órfãos sem amparo, pelo menos a propriedade deles, porque ninguém tem o direito de cuidar dos bens, que ficam incultivados e inutilizados em prejuízo dos órfãos, dos vizinhos, dos credores que por acaso houver, e muitas vezes do Governo como credor; as terras e localidades perdem em valor e as plantações em parte não dão proveito nenhum aos órfãos. Por isso seria muito conveniente que o respectivo juiz dos órfãos, nomeasse nas colônias uma comissão de

quatro a seis possuidores de terras de boa reputação sob proposta do Diretor e da junta da Colônia a fim de em primeiro lugar substituir o juiz dos órfãos, avaliar a herança e nomear tutores. Além disso essa comissão deveria dar conta de tudo ao juiz dos órfãos e, depois de autorizada pelo mesmo, vender em hasta pública e herança, pagar as dívidas que houver e depositar o resto no cofre dos órfãos. Seria isto muito desejável, principalmente em tais casos onde a herança é pequena ou onde há mais passivas do que ativas, casos que quase sempre ficam sem atendimento. Uma tal ou semelhante instituição seria um grande benefício para as colônias e haveria de dar cabo a muitas e justas queixas.

A moralidade pública foi outra vez muito satisfatória e não houve penas impostas pela polícia. É isto uma verdadeira ventura porque custa muito achar pessoas idôneas para o cargo de subdelegado e dos suplentes, cargo este que sempre traz consigo muitos trabalhos, desgostos e inimizades e quase sem indenização nenhuma, digo alguma, pelo menos nas colônias. Seria para esta Colônia um grande benefício se fosse nomeado como subdelegado um homem de confiança, versado na língua do país e nas leis, para em casos de queixa poder dar conselhos, explicar as leis respectivas e que haveria de servir de intérprete e que recebesse pelas últimas funções uma gratificação de 400\$000 a 600\$000 mil réis anualmente.

O culto católico e protestante continuaram como antes. É para lastimar que não se pôde continuar com os trabalhos da construção das igrejas por faltarem os meios necessários, ocorrência muito má, porque ainda carecem os habitantes desta Colônia de casas decentes para seu culto e devem contentar-se com toscos e pequenos ranchos.

O Governo Imperial tinha aprovado a construção de duas igrejas, conforme as plantas e orçamentos respectivos e tendo-se já começado com os trabalhos não querem os colonos construir capelas provisórias, esperando que o Governo Imperial não deixará de mandar continuar a construção de obras uma vez começadas e preferindo empregar suas prestações para a construção definitiva e permanente; além disso, causa uma retardação dos trabalhos, infalivelmente perdas consideráveis no material exposto às influências do tempo e que necessariamente deve perder a utilidade.

Os ensinamentos nas escolas públicas e particulares teve seu andamento como nos anos anteriores. As escolas foram freqüentadas por 262 alunos, em soma a saber, 125 do sexo masculino e 137 do sexo feminino. As

duas escolas públicas participam nestes números com 33 dos primeiros e 57 dos últimos, e as escolas particulares com 92 e 80.

Há cinco escolas particulares de instrução primaria e uma que tem o pastor protestante e que ensina história, geografia, história natural, contar, as línguas portuguesa, alemã, francesa e latina. Em geral é a freqüência das escolas não é tal como deveria ser em proporções com a povoação da Colônia. A pouca freqüência pode-se explicar em parte pelas grandes distâncias entre os colonos e as escolas, parte pela indiferença de alguns e em muitos casos era para desejar que os pais pudessem ser constrangidos a mandar seus filhos, como por exemplo na Prússia.

O estado da saúde foi excelente. Morreram 33 pessoas, nem um por cento, e entre estes 14 crianças com menos de um ano, 2 por casos funestos e 3 mulheres de parto.

A imigração, embora não satisfatória, foi neste ano mais numerosa e ficou o número dos habitantes aumentado com 500 almas. Entre estes imigrantes acham-se muitos que se mudaram de outras colônias para esta, como também algumas famílias brasileiras. Parece que no ano de 1868 a imigração há de tornar-se muito mais favorável e se o Governo Imperial, como é de esperar, conceder os adiantamentos da passagem prometidos, pode-se contar com o número de 1000 emigrantes da Alemanha para esta colônia. Para poder alcançar uma imigração numerosa e favorável, digo regular da Alemanha, seria acertado conceder por certo número de anos certa quantia anualmente como já propôs o sr. Dr. Blumenau. Um tal socorro garantido e pago regularmente, calculado pela metade até dois terços menor do que se gasta agora com a imigração norte-americana, haveria de dar à imigração da Alemanha um impulso de certo considerável, e sendo mesmo na América do Norte um fato reconhecido, que os colonos alemães como tais são os melhores, pelo que o Governo gastaria muito menos e o Brasil teria provavelmente melhores colonos do que os da América do Norte. A povoação desta última ainda é muito escassa em comparação com as vastas regiões e os milhares de jeiras de terras da Nação e por isso pode-se presumir que somente poucos bons colonos se decidem à emigração de lá.

Como já disse no relatório do ano passado e em outras ocasiões, obsta à emigração a diferença dos direitos das confissões, tanto mais que grande número dos melhores colonos vêm das partes protestantes da Alemanha, que os protestantes estabelecidos no Brasil sabem muito bem, que lá o Estado não os estorva no exercício da sua religião, antes os ampara, com

tudo estão desconfiados na Alemanha e hão de ficá-lo enquanto as confissões não gozarem dos mesmos direitos ou não for sancionado por lei o casamento civil.

Mas é de grande importância e a este respeito também já antes me permiti manifestar as minhas idéias, que os imigrantes fiquem estabelecidos em grandes núcleos bem situados e que ofereçam boas terras a milhares de famílias, em lugar de serem disseminados em pequenas colônias, opinião esta que como creio já tinha aprovação da outra parte.

As medições andam regulares e nunca há falta de lotes de terras traçadas na frente para os colonos vindos. Neste ano foram vendidos 204 lotes de terras. A quantia de Rs 2:400\$000 concedida para as medições neste ano financeiro, baseada nas exigências de anos anteriores - faltando por desgraça a fixação do orçamento por 1863 - 67 - não é suficiente. Medindo-se as necessárias picadas de frente para ter lotes de terras demarcadas para os colonos que até o mês de julho talvez vem em grande número, não resta nada para as picadas dos fundos, o que é muito necessário, e garantido aos possuidores de terras em prazo determinado que em muitos casos já está vencido.

Neste ano, mês de maio até agosto, foi feita uma expedição para exploração do rio Itajaí Açu até as suas vertentes e daí até os campos da serra - acima de um território até lá inteiramente desconhecido. Esta expedição sobre a qual já teve a honra de apresentar um relatório especial, deu resultados felizes e muito importantes, sendo por ela averiguado que o vale do Itajaí Açu oferece um terreno muito favorável a uma estrada de rodagem para subir a serra, e que o território do Itajaí Açu com o dos seus afluentes oferece muitas léguas quadradas de terras da Nação belíssimas e fertilíssimas favoráveis em tudo à colonização. Esta colônia e decerto todos os habitantes do Itajaí reconhecem muito bem e com suma gratidão as conseqüências favoráveis desta exploração e o sr. Presidente da Província deu a perspicaz e benéfica autorização, conseqüência de imenso proveito, e como é de se esperar, o Governo Imperial por bem pode mandar executar a construção de uma estrada para os campos no território do Itajaí Açu e mais para Oeste atravessando o mesmo território.

Os trabalhos públicos deveriam nos primeiros seis meses do ano ser executados com maior pressa e em maior escala para recuperar o que por falta de dinheiro nos últimos seis meses do ano de 1866 não pôde ser feito, e desde então continuaram como de costume em conformidade com a neces-

sidade e os meios disponíveis. Refiro-me a este respeito aos dados do mapa estatístico.

Não posso omitir de observar outra vez, quanto seria importante no interesse das colônias como também do Estado, que os diretores das colônias soubessem em tempo competente a quantia concedida a Colônia respectiva para o próximo ano financeiro. Sem saber isto torna-se quase impossível a distribuição apropriada dos trabalhos e os fundos não podem ser empregados em uma maneira que guarda o interesse da Colônia e do Estado plenamente.

A lavoura e suas produções progrediram sofrivelmente como consta em geral da exportação. Na coleção dos dados da produção tem-se de lutar com o grande inconveniente que parte dos colonos declara suas colheitas menores do que são, por medo ridículo de dever pagar impostos proporcionais às colheitas. Apesar de meus esforços para alcançar a respeito resultados exatos, creio que os algarismos da produção de alguns gêneros são na realidade maiores do que menores. Os resultados da fabricação de açúcar e cachaça teriam sido muito melhores sem as geadas no inverno de 1866, que em parte prejudicaram as plantações. Nesta ocasião permito-me observar que seria de grande proveito dar a alguns bons colonos adiantamentos para a construção de engenhos de açúcar e poderiam estes, então, com seus vizinhos tirar muito mais vantagem das suas terras excelentes próprias para a cultura da cana.

A cultura do fumo, embora devagar, sempre fez progresso. Como já disse antes, os produtores de fumo não têm bastante cuidado no trato e ainda não são coerentes a respeito da qualidade, que se dá melhor neste solo. São estes inconvenientes que com o tempo hão de desaparecer, o solo e o clima são decerto muito favoráveis à cultura do fumo, tendo alguns colonos já produzido fumo de belíssima qualidade e os resultados quantitativos sempre foram bons.

A cultura de algodão até agora está em pequena escala, mas com bons resultados há de aumentar de ano em ano e há de ser de grande importância no futuro. Os poucos colonos que fizeram diversos ensaios parciais ficaram muito contentes a respeito da qualidade, como também da quantidade. Parece que o tipo Louisiana (Sea Island) e a que já há muito se cultivou neste rio Itajaí Açu são os melhores, porém as experiências realizadas ainda são muitos limitadas.

Quanto à plantação e cultura de cafeeiros, acham-se os lavradores bastante esmorecidos, porque pelas geadas nos anos de 1864 e 1866 quase todas as árvores foram destruídas. Dando-se porém o cafeeiro muito bem nesta colônia e com abundantes frutos, não cansarei em animar os colonos à cultura do café e mandar distribuir mudas no ano próximo, tanto mais que as geadas fortes são raras - nos últimos 15 anos só duas vezes, no ano de 1864 e de 1866 - e além disso há localidades menos expostas às geadas e que por isso são bem próprias à cultura do café. Em geral pode-se dizer que esta Colônia fez progressos satisfatórios no ano decorrido e há de vir a ser um centro ativo para a emigração; a confiança dos colonos subiu, como já provam os numerosos requerimentos ao Governo Imperial em que pedem adiamentos da passagem para seus parentes e amigos poderem efetuar a sua mudança para esta Colônia. Muito ajudou o descobrimento das vastas e boas terras no alto Itajaí Açu e a esperança de uma boa comunicação com os Campos.

As favoráveis proporções naturais da Colônia já não são desconhecidas neste país como também na Europa, consequência dos relatórios dos empregados do Governo Imperial e dos da Prússia que honraram com sua muito estimável presença a nossa Colônia neste ano e no fim do ano passado; consequência dos contínuos esforços do Dr. Blumenau em favor desta Colônia e da colonização no Brasil em geral; consequência do grande prêmio concedido à Colônia Blumenau na exposição do mundo em Paris e finalmente das aumentadas correspondências particulares.

Se o Governo Imperial conceder - como é de esperar - socorros regulares em favor da imigração alemã, pode-se supor com a certeza que há de tornar-se numerosa no ano vindo. Uma necessidade da Colônia é o começo e a regular continuação da estrada Itajaí - Serra, cujos trabalhos preliminares já começaram. Nos serviços de construção desta estrada encontrariam os colonos recém-chegados pronta e útil ocupação e poder-se-iam estabelecer nas suas margens, onde fossem encontrando terras próprias para seus fins, embora em maior distância do centro da Colônia, uma vez que se vai continuando com a estrada até os campos.

De vital interesse para a Colônia é a comunicação direta a vapor com o Desterro e mais ainda com o Rio de Janeiro, por meio de vapores da linha intermediária. A entrada dos vapores no porto de Itapocoroya não é de proveito algum para o Itajaí e não se compreende a razão porque o porto de

Itapocoroya que não têm relação alguma com centros produtores, foi preferido ao porto de Itajaí que já tem uma exportação considerável.

Ultimamente seria de grande importância a habilitação do porto de Itajaí para a exportação para portos estrangeiros. A respeito destes últimos pontos tive a honra de dar as necessárias explicações já diversas vezes e chamar a atenção do Governo Imperial sobre eles.

Permito-me mencionar que a exportação do porto de Itajaí já importa em perto de 300 contos de réis como asseguram homens de boa fé. (Por desgraça faltam notícias estatísticas).

Escusado é dizer, como mostra a experiência, que quanto mais e fáceis as comunicações, maior a produção.

São estas as necessidades urgentíssimas da Colônia para o próximo futuro e pela concessão das quais da parte do Governo Imperial, haveria garantias certas para o rápido e feliz desenvolvimento desta Colônia e de todo o belo território do rio Itajaí Açu.

Blumenau, 31 de dezembro de 1867.



Casa Comercial da Família Odebrecht – início do século

**O crescimento
do mercado
interno numa
Colônia do
Império –
O caso de
Blumenau:
1850 – 1880
(Parte 1)**

TEXTO:

**ANSELMO
ANTÔNIO
HILLESHEIM***



Entre a documentação existente no acervo do Arquivo Histórico, selecionamos uma obra inédita, que está ao alcance de poucos pesquisadores. Trata-se da dissertação de mestrado intitulada: "O Crescimento do Mercado Interno numa Colônia do Império: o caso de Blumenau 1850-1880".

Este trabalho foi defendido em 1979, por Anselmo Antônio Hillesheim, junto a uma banca na Universidade Federal de Santa Catarina.

A importância desta pesquisa está no exaustivo levantamento de fontes primárias, como também análise e interpretações das mesmas.

RESUMO

A Colônia Blumenau se desenvolveu baseada na agropecuária, apoiada no mercado interno. Em cima desta base desenvolveu a exportação e a capacidade de poupança interna. Desenvolveu suas potencialidades partindo de uma organização planejada, com objetivos claros, obedecendo princípios e normas pré estabelecidas para o desenvolvimento da Colônia.

Este deu-se de forma equilibrada, mas não sem problemas. De 1865 em diante, notamos um desenvolvimento regular que aos poucos vai-se acelerando quando há a movimentação de obras públicas, construções das vias de comunicações, como as estradas que ligam a sede à Itajaí, Curitiba e aos núcleos coloniais mais distantes, oferecendo condições de deslocamento da população e demanda da produção, tanto de subsistência quanto do excedente para a exportação. Estas melhorias deram ao imigrante melhores condições de pagamento de suas dívidas. A variedade e qualidade de mão-de-obra existentes deram a Colônia condições de

* Professor e diretor na rede municipal de ensino. Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1979).

ampliar sua capacidade de trabalho, de poupança e capacitação. Todas essas condições se davam com mais facilidade quando o colono já havia conseguido a posse definitiva de seu lote colonial.

O papel do Governo Imperial foi marcante na formação da infraestrutura e investimentos que formaram o alicerce do crescimento da Colônia, amparando-a e impulsionando-a para o desenvolvimento eficiente.

A qualidade dos dados nos permitiu desenvolver uma visão da evolução do mercado interno da Colônia. O modelo do mercado interno baseou-se em fatores conhecidos de despesas e investimentos. O desempenho do modelo refletiu fielmente os dados conhecidos, baseando-se em cálculos conservadores. Demonstramos a existência de um mercado que refletiu na produção de subsistência e produção excedente. A produção excedente da Colônia cresceu rapidamente. A produção de subsistência está ligada ao crescimento da população, pois depende da primeira a manutenção da segunda. O crescimento da população e o desenvolvimento do mercado interno conduziram a Colônia para uma economia de exportação. O desenvolvimento deu aos imigrantes blumenauenses condições de usufruírem de crédito para a compra de gêneros importados. Os colonos compravam porque obtinham créditos e condições de saldarem seus compromissos financeiros. Poupanço e capitalizando, investiram numa gama ampla de atividades, dinamizando as técnicas de produção, implantando engenhos, buscando novos mercados e oportunidades.

DESENVOLVIMENTO DA COLÔNIA BLUMENAU 1850- 1880

I- Crescimento e Desenvolvimento

Blumenau desenvolveu suas potencialidades, partindo de uma organização planejada com objetivos claros, obedecendo a princípios e normas pré-estabelecidas para o desenvolvimento da Colônia. Os colonos, recém-chegados, recebiam seus lotes de terras, fixando sobre os mesmos a casa de morada, ranchos e engenhos. Após haverem-se estabelecido, tendo já efetuado alguma plantação, cercado os pastos, instalado os engenhos, os colonos desenvolviam os trabalhos agrícolas dedicando-se ao processo de beneficiamento da produção, bem como, ao aproveitamento da mão-de-obra qualificada. Tais condições davam à Colônia um desenvolvimento natural.

Em 1852 começou o trabalho de medição e demarcação de lotes urbanos e rurais às margens do Ribeirão Garcia, local destinado à Colônia¹. Isto demonstra a preocupação do Dr. Blumenau, em prever uma Blumenau futura, dando desde a implantação da Colônia os passos necessários dentro de uma administração atenta ao crescimento populacional local e físico da região. A produção agropecuária teve destacada contribuição no desenvolvimento. Foi ela que impulsionou o crescimento e o progresso. A agropecuária deu embasamento necessário para a solidificação da estrutura, introduzindo novas culturas e técnicas. A produção paralela era uma atividade importante. O colono além de dedicar-se às necessidades agrícolas cuidou desde cedo da instalação de engenhos que lhe permitissem maior rentabilidade, dedicando-se ao beneficiamento da produção. A Colônia contava, também, com uma mão-de-obra especializada e qualificada, facilitando o desenvolvimento e expansão nos diversos setores agrícolas.

Podemos dividir a história de Blumenau em três períodos distintos. Embora o Dr. Blumenau considerasse o 28 de agosto de 1852 a data de fundação da Colônia Blumenau, porque nesta data foram distribuídos os 12 primeiros lotes coloniais, à margem do Garcia, tradicionalmente e oficialmente, celebra-se 2 de setembro de 1850 como a fundação por ser a data da chegada dos primeiros 17 imigrantes². Na direção da colônia particular, Dr. Blumenau enfrentou desde o início sérios problemas financeiros, os quais se tornaram mais acentuados a partir de 1854, obrigando-o em 1855 a assumir pesadas dívidas com o Governo Imperial, que lhe concedeu um financiamento de 85:000\$000³. Dr. Blumenau chegou à conclusão de que não tinha condições de saldar a dívida contraída com o Governo Imperial e “conseguiu, em 13 de janeiro de 1860, fazer a entrega de sua Colônia ao Governo, pelo preço total de 120:000\$000, do qual seria descontada a quantia 85:000\$000 que já fora adiantada nos anos anteriores”⁴.

Pelo contrato de cessão, Dr. Blumenau continuou exercendo as funções de diretor até emancipação. A Colônia Imperial recebida por parte do Governo investimento constante e crescente, permitindo um crescimento mais rápido da população e da produção. Foi este o período em que a mesma se firmou, enraizou e estabeleceu os alicerces que apoiaram seu desenvolvimento posterior. É portanto o período de enfoque central neste trabalho.

Com o crescimento progressivo, a Colônia atingia em 1880 uma população de 14.981 pessoas. A produção já desenvolvida e variada, a qualificação e diversidade da mão-de-obra existente, asseguravam à mesma condições mais que

¹ SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. Editora Empreendimentos Educacionais Ltda. Florianópolis. 1972. p. 75-76

² Ibid. p. 54.

³ FERRAZ, Paulo Malta. **Pequena História da Colonização de Blumenau**. p. 32.

⁴ Idem, Ibidem.

suficientes para sua autonomia. O governo Imperial, em 1880, criou o município de Blumenau, “com sede na Colônia erigida em vila e compreendendo os territórios das antigas freguesias de São Pedro de Gaspar e São Paulo Apóstolo de Blumenau”⁵. Ao se iniciar o ano de 1882, Dr. Blumenau e os demais componentes da diretoria da Colônia foram dispensados de suas funções. Embora com os atrasos que resultaram da enchente de 1880, a 10 de janeiro de 1883 foi instalada a Vila e município de São Paulo de Blumenau e deu-se o “juramento e posse dos Vereadores eleitos para a Câmara Municipal”⁶. Dr. Blumenau, após ver instalada a Câmara e haver instituído sobre a vida administrativa, deixou a Vila e a Colônia que fundara, em 14 de agosto de 1884, para unir-se à família, na Alemanha⁷.

II- O desenvolvimento da Colônia

Em 2 de setembro de 1850, chegaram os primeiros 17 imigrantes que deram início à colônia Blumenau. Destes, a maioria eram lavradores, embora seu número incluísse profissionais, como: agrimensor, alveitar, carpinteiro, marceneiro, charuteiro, funileiro e ferreiro. Inicialmente Dr. Blumenau enfrentou dificuldades com os imigrantes. Muitos deles procuravam outras regiões que lhes ofereciam melhores condições de subsistência e novas oportunidades. Na maioria eram imigrantes que exerciam profissões qualificadas. A invasão de imigrantes, embora significativa, não causou problemas sérios. Muitos dos imigrantes que saíram voltavam mais tarde, fixando residência na Colônia.

De 1860 em diante, o ritmo do crescimento populacional acelerou-se. O mesmo ocorreu nos demais setores. Houve um crescimento notável. Para que se possa observar o ritmo de crescimento da imigração e população apresentamos a Tabela I, que nos dá uma visão desta evolução. O crescimento populacional se fazia sentir, de ano para ano. Assim, em 1860 era de 947 pessoas; em 1870, 6.188 e em 1880, somava 14.981, então com uma atuação econômica marcante. O mesmo ocorreu com a imigração, que de 1860 para frente também acelera o ritmo. A tendência de desenvolvimento da imigração nos permite destacar as altas e baixas da mesma, e o surto de crescimento ocorrido entre 1860 e 1862, reflete a confiança no Governo Imperial, que dava maior assistência econômica e administrativa, gerando condições necessárias para a solidificação da estrutura da Colônia. Outro fator que, possivelmente, tenha influenciado o crescimento foi a unificação Alemã e o reflexo da Guerra do Paraguai, entre os anos de 1867 - 1871, assim como uma acentuada prosperidade da Colônia, entre os anos de 1873 - 1876.

⁵ Ibid. p. 64-65.

⁶ SILVA, José Ferreira da. *História...* op. cit. p. 144.

⁷ Idem, *ibidem* - p. 136.

TABELA I:**Crescimento da Imigração e População de Blumenau: 1850 - 1880**

Data	Imigração	População	Data	Imigração	População
1850	17	6	1866	201	2.861
1851	8	11	1867	248	3.391
1852	110	69	1868	1.686	5.126
1853	28	113	1869	699	5.985
1854	146	246	1870	33	6.188
1855	34	249	1871	56	6.329
1856	294	592	1872	174	6.498
1857	199	609	1873	418	7.156
1858	82	669	1874	220	7.621
1859	29	744	1875	1.129	9.161
1860	91	947	1876	1.076	10.701
1861	548	1.484	1877	501	11.532
1862	607	2.058	1878	860	12.787
1863	166	2.286	1879	393	13.976
1864	127	2.471	1880	455	14.981
1865	160	2.625			

Fontes: José Ferreira da Silva, *História de Blumenau*. p. 49, 58, 60; relatório e Mapas Estatísticos da Colônia Blumenau 1862 – 1881.

III- Produção e Exportação

Conforme podemos avaliar na Tabela II, a área cultivada cresceu durante todo o período, 1860 - 1880. Este acelerou de 1864 em diante, acentuando-se mais nos anos de 1877 a 1880. O crescimento da área cultivada foi bem vertiginoso, assim como a produção e a exportação também cresciam. A população aumentara e se refletia nas atividades agrícolas. Com a passagem de Colônia Particular à Colônia Imperial em 1860, começou a receber, anualmente, um número de imigrantes que, juntamente com o aumento interno da população, contribuíram para a expansão e cultivo de novas áreas agrícolas.

A grande variedade dos produtos agrícolas eram cultivados para o consumo e o excedente para exportação. A produção de açúcar, fumo, manteiga e telhas expressam um crescimento progressivo. Estes produtos representam o cultivo de plantas tradicionais e introduzidas, a produção pecuária, a extração de madeiras e a fabricação, de produtos extrativos.

Tabela II

Crescimento da área cultivada em hectares: 1861 – 1880

Data	Área Cultivada	Data	Área Cultivada
1861	279,27	1871	3.416,00
1862	323,80	1872	3.570,00
1863	705,19	1873	3.672,00
1864	1.013,50	1874	4.752,00
1865	1.222,47	1875	n.e.
1866	1.215,00	1876	n.e.
1867	1.593,20	1877	10.200,00
1868	2.198,20	1878	11.000,00
1869	2.379,20	1879	11.140,00
1870	2.854,20	1880	12.388,20

n.e = não existem dados

Fontes: Mapas Estatísticos da Colônia Blumenau 1862 – 1880.

Quanto aos produtos comuns à região caracterizam-se, a cana-de-açúcar, aguardente e farinha de mandioca. Desde o início da colonização, Dr. Blumenau não se descuidou em introduzir novas culturas, como: fumo, café, mamona, raízes de plantas úteis, algodão, gengibre, laranjeiras, pessegueiros e goiabeiras⁸. A fabricação de vinho de laranja prometia, aos poucos, tornar-se importante ramo de lavoura e indústria rural; as parreiras se multiplicavam para a fabricação de vinho⁹. Além destas, também se implantou a fabricação de cervejas, licores e vinagres. A tendência natural era o crescimento da produção motivado pela diversificação, aumento populacional, melhoria e implantação de estradas.

Desde cedo introduziu-se na Colônia, gado, aves e abelhas. Com o intuito de desenvolver com maior eficiência e técnica, em 1856 dá-se a introdução do “arado e a adoção do sistema de estabulação do gado leiteiro”. Existem na Colônia, cavalos, gado vacum, suíno e grande número de galináceos¹⁰. A experiência com a apicultura deu excelente resultado¹¹. A Tabela III aponta a área de pastos, em hectares de 1861 – 1880, sendo que o maior índice de crescimento registrado dá-se de 1868 em diante, quando também o número de gado aumenta de ano para ano.

⁸ BLUMENAU, Hermann B. O. *Relatório Descritivo da Colônia Blumenau*. 18.1.1853.

⁹ BLUMENAU, Hermann B. O. *Relatório Descritivo da Colônia*. 18.1.1871.

¹⁰ SILVA, José Ferreira da. *História...* op. cit. p. 60.

¹¹ BLUMENAU, Hermann B. O. *Relatório Descritivo da Colônia Blumenau*. 31.12.1879.

Tabela III

Área de pastos em hectares: 1861 - 1880

Data	Área cultivada (em hectares)	Data	Área cultivada (em hectares)
1861	290,40	1871	1.839,00
1862	314,60	1872	1.853,00
1863	377,52	1873	1.898,00
1864	580,80	1874	2.428,00
1865	620,80	1875	n.e.
1866	824,49	1876	n.e.
1867	981,31	1877	x 5.547,00
1868	1.344,31	1878	x 5.982,90
1869	1.519,85	1879	x 6.059,05
1870	1.810,28	1880	x 6.737,94

n.e. - não existem dados

Fonte: Mapas Estatísticos da Colônia Blumenau 1862 - 1880

x - Com estimativas, baseadas na relação entre pastos e área cultivada, termo médio de 1870 - 1874.

A pecuária teve papel atuante, apresentando um bom nível de crescimento. A Colônia continuava se expandindo, produzindo o suficiente para o consumo interno e oferecendo o excedente à exportação. Entre os produtos processados que se distinguiram na exportação estão: toucinho, manteiga, couros, galináceos, ovos e peles de caça.

Nota-se que foram exportados em quase todos os anos entre 1863 e 1880, a araruta, galináceos, ovos, açúcar, aguardente, manteiga, charutos, madeiras serradas e construção e couros. Esclarece-se que a exportação do excedente era feito para o território nacional. Além dos produtos exportados havia produtos que eram consumidos na Colônia, como indicou o Diretor da mesma em 1878 acerca da produção do algodão¹².

A exportação teve seus valores reduzidos em 1880 devido à catastrófica enchente de 22 e 23 de setembro, quando torrenciais chuvas caíram implacavelmente sobre o rio Itajaí Açu e seus afluentes, inundando vastas áreas da Colônia, "provocando a maior enchente do que se tivera notícias"¹³. A recuperação da exportação começou em 1881, quando apresentou uma cifra razoável.

¹² Idem, *ibidem*.

¹³ SILVA, José Ferreira da. *História...* op. cit. p. 132.

Desde a chegada dos primeiros imigrantes, nota-se a presença de profissionais especializados, o que veio favorecer a Colônia, que se via suprida das necessidades de mão-de-obra especializada. A maioria dos colonos eram lavradores, conhecedores dos trabalhos agropecuários.

A preocupação da direção em ter pessoal capacitado para os ofícios necessários na Colônia era uma constante, tanto é que em todas as entradas de imigrantes constata-se a variedade de pessoas com ofícios qualificados. A presença e crescimento da mão-de-obra especializada era visível e estava concatenada com as necessidades da Colônia. Os profissionais não estão arrolados em todos os relatórios, mas os dados assinalam a capacidade da mão-de-obra, especialmente de construção e ofícios mecânicos, para montar engenhos e fábricas visando o processamento da produção agropecuária.

Com um crescimento contínuo, houve o desenvolvimento de engenhos e fabriquetas de produção, multiplicando-se o número de estabelecimentos rurais e industriais. O apoio à capacidade de exportação excedente, não consumido na colônia, estimulava o valor do aumento da produção agrícola beneficiada. “Em seus relatórios, Dr. Blumenau se refere também a outras indústrias instaladas pelos colonos, como a fabricação de pedras de amolar, de extração do óleo de rícino e de outros grãos, de vinagre e cerveja”. A experiência com outras indústrias trouxe “uma indústria, que veio ocupar o principal posto entre as atividades de Blumenau”, a têxtil. “Em 1860, H. Grewsmühl instalava, às margens do Ribeirão Garcia, um moinho e engenho de serrar madeiras, do qual, mais tarde surgiu a Empresa Industrial Garcia”, que se tornou a primeira grande indústria de felpudos da região. Logo, outras indústrias se instalaram. Entre elas encontra-se a constituição de uma sociedade de um grupo de imigrantes. Estes deram início a uma pequena indústria de tecidos com o uso de um tear que Dr. Blumenau mandara buscar na Alemanha, em 1866. Esta indústria encerrou suas atividades já no final do primeiro ano de existência, dado às grandes dificuldades enfrentadas na aquisição de matéria-prima, comprada no exterior, bem como pela falta de mercado para a colocação dos produtos fabricados. Os imigrantes, Hermann e Bruno Hering, experientes tecelões, instalaram na Colônia, em 1879, uma pequena indústria de meias com um tear circular. Em 1882, se instalava outra pequena indústria de tecidos de Johann Karsten e Gustavo Roeder e Hadlich.¹⁴ Era o início de uma nova etapa no desenvolvimento econômico da agora ex-Colônia.

O processo de colonização de Blumenau deu-se dentro de um planejamento seguido por seu diretor, obedecendo a determinações constantes de um regulamento para as colônias do Estado¹⁵. Este processo, adotado pelo fundador,

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 259-263.

¹⁵ SILVA, José Ferreira da. *História...* op. cit. p. 94/102, descreve o regulamento sobre a fundação das colônias.

“era o da imigração espontânea, vindo colonos ordinariamente, às suas próprias custas e só em casos especiais, era-lhes adiantado a passagem pela direção da Colônia”¹⁶. O fornecimento de alimentícios era feito aos imigrantes, a crédito, estando os mesmos obrigados a restituir o respectivo valor, após as primeiras colheitas, ficando suas terras alienadas até a devolução. Ao encargo do agrimensor ficou a medição de lotes coloniais e urbanos, abertura de picadas, medição de frente e “linhas laterais e fundos, bem como a conservação dos diferentes marcos”¹⁷. A distribuição dos lotes era feita à livre escolha, dentre os terrenos medidos, cujo tamanho médio variava entre 24,2 a 36,3 hectares.

As condições de compra compreendiam três etapas: ocupação, título provisório e título definitivo. A ocupação do lote se dava com a assinatura do contrato. O título provisório era conferido seis meses após a assinatura do contrato, quando o comprador já deveria ter edificado sua casa, e haver roçado e plantado uma área de mil braças quadradas. A inobservância destas obrigações importava na perda das benfeitorias que tivessem sido feitas, assim como das prestações pagas, podendo o lote ser vendido pelo Diretor, salvo os casos de força maior, ou enfermidade prolongada e comprovada. O título definitivo de propriedade do lote designado era concedido ao comprador, após ter sido pago integralmente a importância, estando em dia com a fazenda nacional e provando que, por si ou por pessoa de sua confiança, tenha tido no mesmo lote um ano, pelo menos de residência habitual e cultural efetiva¹⁸.

Na distribuição de terras, o fundador em seu planejamento de sub centros coloniais, reservou terrenos urbanos para a edificação de igrejas, escolas, prédios públicos áreas comerciais e residenciais. Estes centros rapidamente concentrariam as atividades sociais e públicas, inclusive, escolas particulares organizadas pelas sociedades escolares.

A infra-estrutura da Colônia exigiu do Governo Imperial atenção especial para a abertura das estradas executadas neste período em direção a Itajaí, a Curitiba e estradas coloniais, tendo gasto entre 1860 a 1876 a importância de 983:119\$822¹⁹. A estrada de ligação com Itajaí se fez até os meados dos anos 60, favorecendo, por esta, o transporte da produção, a passagem da população e imigrantes da Colônia. Este caminho da sede para a Vila e porto de Itajaí tinha cerca de 10 léguas. O caminho, como bem se pode imaginar, era primitivo, um pouco mais que uma picada, “servindo por muitos anos, apenas, para o uso de pedestres, cavaleiros e para a passagem de tropas que, do litoral, abasteciam a Colônia de

¹⁶ Idem, *ibidem*. p. 56.

¹⁷ BLUMENAU, Hermann B. O. *Relatório Descritivo da Colônia Blumenau*. 31.12.1862. p. 8.

¹⁸ Cláusulas extraídas em parte do texto do contrato, de designação de lotes de terras ao Sr. João Baade de 2 de dezembro de 1860. A.H.B. 4/6.

¹⁹ BLUMENAU, Hermann B. O. *Despesas*. Relatório 31 de março de 1877.

gado de leite, de corte e de montaria”²⁰. As diversas localidades e núcleo de povoamento eram servidos de estradas que davam condições de escoamento de sua produção e contato com a sede. Elas se classificavam em picadas para cavaleiros e pedestres. Davam condições precárias para passagem, com pontilhões primitivos; posteriormente essas picadas eram melhoradas, transformando-se em carroçáveis. A construção das estradas de rodagem e cavaleiros efetuados entre os anos de 1860 e 1874, apresentou uma crescente necessidade contínua na melhoria das vias de comunicação para atender a expansão da Colônia.

Outro projeto que teve influência marcante para o desenvolvimento foi a construção da estrada de Curitiba para acesso e escoamento da produção do planalto, cuja obra estava ao encargo do colono e engenheiro Emílio Odebrecht. Esta estrada contava em 1874, com 44 quilômetros de construção. As várias estradas construídas, tanto a de Curitiba, a da Vila de Itajaí, assim como as estradas que ligavam aos núcleos de povoamento, todas eram tratadas com dedicação, amparando-as com boas pontes, bueiros e outras obras de apoio, bem como a sua conservação.

Durante os dez anos de colônia particular, 1850-1860, Dr. Blumenau investiu 85:000\$000 de empréstimo feito ao Governo Imperial. Neste período crucial, Blumenau por várias vezes propôs a venda da Colônia. A proposta de Blumenau só se concretizou em 1860, quando o Governo Imperial comprou a mesma por 120:000\$000, descontando desta importância 85:000\$000 emprestados, anteriormente, ao fundador. “Rescindiram-se, assim, com a assinatura do termo de cessão, todos os contratos anteriormente firmados entre o Governo Imperial e o Dr. Blumenau”²¹. As dívidas até então contraídas pelos colonos com Dr. Blumenau, somavam 55:000\$000 e ficavam pertencendo a este. Portanto, somando as dívidas mais o valor de compra dava um valor de 175:000\$000.

As despesas da Colônia entre 1860-1876, classificando-as em obras públicas, estabelecimento dos colonos, adiantamentos e administração com as respectivas percentagens e valores aplicados, os quais totalizam 1.711:555\$490. O governo investiu no desenvolvimento da Colônia de forma maciça e crescente, que 67, 68 por cento das despesas foram aplicadas na infra-estrutura, procurando incentivar o desenvolvimento, e que 31,33% das aplicações do governo imperial foram gastos com estabelecimento de colonos de administração. As despesas com os

²⁰ SILVA, José Ferreira da. *História...* op. cit. p. 87.

²¹ Idem, *ibidem*. p. 70.

colonos até julho de 1873 eram de 11\$755 por cabeça e depois subiram em 1874-1875 para 64\$118²².

IV- Conclusões

Demonstramos que, por todas as medidas, a Colônia cresceu. No período da Colônia Particular, compreendido entre 1850-1860, a população alcançou aproximadamente um mil. Na Colônia Imperial, 1860-1880, teve um crescimento maior, alcançando 14.981 habitantes em 1880. A medida de crescimento compreendido de 1861- 1880 foi de 47,84% ao ano. A área cultivada apresentou um crescimento mais acelerado da população.

A exportação de produção excedente, apresentou, durante um período de 16 anos, um crescimento acelerado, demonstrando um desenvolvimento favorável na pauta da exportação.

A mão de obra especializada e indústrias de beneficiamento, também cresceram, acompanhando o desenvolvimento da Colônia. A infra-estrutura e o investimento governamental formaram o alicerce do crescimento, amparando-a e impulsionando-a para um desenvolvimento eficiente. O desenvolvimento da Colônia obedeceu a um programa de colonização bem planejado e apoiado pelo órgão responsável. Neste caso o governo imperial lhe deu condições e meios para sua expansão. A partir dos meados de 1860, a Colônia diminuiu sua dependência da imigração, devido ao aumento natural da população já estabelecida, quando os filhos dos imigrantes constituíam família.

²² Fontes: BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. Despesas no ano de 1860 até ultimo de março de 1870, em GALVÃO, Luiz Manuel de Albuquerque. Relatório sobre as colônias Blumenau Itajaí, Príncipe D. Pedro e D. Francisca (Província de Santa Catarina), apresentado ao Ministério da Agricultura, comércio e obras públicas... em março de 1871. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1871, anexo C; e p. 34. Despesas feitas nos anos de 1860 até ultimo de dezembro de 1876, A.H.B. 4/11.

Fragmentos de Nossa História Local

A Estação Rodoviária de Blumenau



A década dos anos 50 representou para Blumenau um período de grandes transformações. Apontado como um dos cinco municípios de maior progresso no Brasil. A cidade sentia as interferências do desenvolvimento, as feições urbanísticas da cidade foram acrescidas de novos prédios, pavimentação de ruas, ajardinamento de praças. Para aliviar o trânsito que provocava muitos transtornos na Rua 15 de Novembro foi edificada em ponto estratégico na Rua 7 de Setembro uma moderna rodoviária. A inauguração do prédio foi amplamente divulgada pela imprensa conforme registrou o Jornal: LUME em 27 de novembro de 1955.

A Estação Rodoviária – realização que veio satisfazer Um velho sonho dos blumenauenses

A estação rodoviária desta cidade foi construída por incentivo do grande prefeito Hercílio Deke, que auscultando os anseios populares resolveu dar a esta metrópole, uma obra que muito nos honra e que vem servindo ao público de um modo todo especial. Antes da construção da estação rodoviária, os inúmeros ônibus das linhas que servem esta zona, mantinham seus pontos de parada, chegada e saída, em diversos lugares, entravando o trânsito público e dificultando grandemente o movimento dos passageiros que lutavam para tomar uma condução, dado às distâncias entre as diversas agências que se espalhavam pela cidade. Assim, a estação rodoviária veio resolver este problema, concentrando em um só local, todas as agências, bem como a partida dos coletivos. Situada em ponto aprazível e adequado, na bela e espaçosa rua 7 de Setembro, bem no centro da cidade, a estação oferece aos passageiros e a todos os interessados, as maiores facilidades de todo o conforto.

Hotel

Construído pelo esforçado e digno blumenauense Sr. Siegfried Hoeltgebaum, o prédio da estação reúne tudo que é necessário para um bom funcionamento da organização. Na parte superior do prédio, acha-se magnificamente instalado, um moderno e confortável hotel que oferece a orientação do proprietário da estação, Sr. Hoeltgebaum.

Com amplos e arejados quartos, instalações sanitárias das melhores, trazendo de primeira ordem, o hotel rodoviário é inegavelmente, um dos melhores da cidade, oferecendo ainda aos viajantes e turistas, a grande vantagem de ter a condução na porta, para qualquer ponto do estado e a qualquer hora, sem o incômodo e o dispendioso problema de carregadores de táxis, etc.



Rodoviária de Blumenau, inaugurada em 1955 e situada na confluência da Rua 7 de Setembro com a Pe. José Maria Jacobs

Restaurante

Um magnífico restaurante serve à estação, com amplas instalações, onde impera a ordem, a higiene e o conforto de seus freqüentadores. Dirigido por seu proprietário, Sr. Victor Zastrow, que é profundo conhecedor do ramo, o restaurante da estação, é dos melhores da cidade e ali, conforme tivemos

oportunidade de observar, são servidos pratos deliciosos, a qualquer hora do dia e grande parte da noite, por preços acessíveis a qualquer pessoa.

Junto ao restaurante funciona um ótimo bar, sorveteria, boa confeitaria e ainda é servido também, o nosso clássico cafezinho. Devido às suas espaciais instalações, sua boa localização e o excelente tratamento, o bar e restaurante da estação rodoviária, tornaram-se ponto de atração não só para turistas e viajantes, como para moradores da cidade, que ali podem fazer suas refeições.

As principais empresas de ônibus que estacionam na estação rodoviária

Autoviação Catarinense e Brusquense

Estas tradicionais empresas de transporte coletivo que há mais de vinte anos vêm servindo Blumenau, mantêm diversas linhas de ônibus. Todas as manhãs partem ônibus destas empresas, para Curitiba, Florianópolis, Joinville, Brusque, Itajaí, Jaraguá, Porto Alegre e Praia de Camboriú. Para Florianópolis, Brusque e Itajaí, partem diversos ônibus por dia, de maneira que os passageiros encontram nesta empresa as maiores facilidades em se locomoverem.



Ônibus da Viação Catarinense, que fazia a linha Paraná – Santa Catarina (década de 50).

Organização perfeita, Auto Viação Catarinense e Brusquense mantém agências em todas as cidades que fazem parte de seu itinerário facilitando assim, a todos que viajam ou que necessitam enviar encomendas para qualquer ponto do estado.

A grande frota de veículos da empresa é composta de modernos e confortáveis ônibus, bem cuidados e dirigidos por profissionais competentes, oferecendo assim, todo o conforto e segurança aos passageiros.

Atenciosos e polidos, os funcionários da Catarinense e Brusquense, atendem a todos com presteza e distinção, honrando assim, o bom nome da empresa fundada há muitos anos, por um grupo de blumenauenses e brusquenses dos mais dignos e trabalhadores, que previram o futuro da sua organização.

Empresa Hasse

Dirigida por seu proprietário, Sr. Herbert Hasse, esta empresa faz as linhas de Rio do Sul, servindo condignamente àquela rica e próspera cidade, que mantém permanente intercâmbio comercial e cultural com Blumenau.

O Sr. Herbert Hasse, que já vem exercendo suas atividades há muitos anos neste ramo de negócios, procurando sempre bem servir ao público com um exemplo dignificante de honradez e trabalho, possui ônibus modernos e bem cuidados, proporcionando toda a garantia e conforto aos que viajam.

Mantém também, o Sr. Hasse, um bom e seguro serviço de transporte de encomendas e pequenas cargas, cujas entregas são feitas com presteza e garantia.

Empresa Andorinha

Possuindo confortáveis ônibus, esta companhia faz as linhas entre Blumenau, Jaraguá, Corupá e Joinville, passando por Vila Itoupava e também por Rio do Texto, servindo assim a uma rica zona agrícola que auferir suas vantagens deste meio de transporte seguro e rápido entre a futura cidade de Joinville e o rico Vale do Itajaí.

A Andorinha vem prestando seus inestimáveis serviços há muitos anos e nada deixa a reclamar, pois tem sabido sempre atender com precisão, às necessidades da linha, dotando-a de bons veículos e de pessoal capaz e cuidadoso.

Rápido Cometa

Sob a competente direção dos senhores Heinz Darius e Ingo Jaeckle, esta luxuosa linha de ônibus trafega entre Blumenau e Itajaí, fazendo diversas viagens por dia. Os carros desta empresa são luxuosos, rápidos e confortáveis e uma viagem nestes veículos agrada grandemente aos turistas e a todos os passageiros que bem acomodados, têm a oportunidade de apreciar as belezas naturais que margeiam a estrada, no trecho desta rica região. As lindas plantações de cereais, os belos canaviais e o majestoso rio Itajaí Açu, que acompanha a estrada, são panoramas que fazem bem à nossa vista e tornam a viagem essencialmente agradável.

Viajar nos carros da Cometa é ter oportunidade de experimentar o que de melhor temos em nosso Estado, de condução em transporte coletivo.



Ônibus da Empresa “Cometa”, que fazia a linha Blumenau – Itajaí (década 60).

Outras pequenas empresas

Chegam e partem, ainda da estação rodoviária, os ônibus das empresas de Timbó, Benedito Novo, Rodeio, Indaial, Rio do Texto, Vila Itoupava, Massaranduba, Gaspar, Belchior, Luiz Alves e a empresa de Adolfo Lima que

faz linha para Itajaí. Todas estas empresas possuem ônibus confortáveis chegando e partindo em horários certos para que seus passageiros possam tomar outro ônibus para qualquer parte do nosso Estado, no mesmo dia.

São os seguintes os proprietários das empresas: Rodeio, Depiné & Irmãos; Vila Itoupava, Mueller & Richter; Belchior, Srs. Schmitz & Cia.; Gaspar, Emilio Tidemann; Rio do Texto, Ernesto Volkmann; Timbó, Vilmar Vascelai; Benedito Novo, Helmuth Hasse e Ricardo Deig; Indaial, Mario Schroeder; Presidente Getúlio e Ibirama, Srs. Fuhrmann & Lange; e Massaranduba, Osvaldo Nietz.

Barbearia

Acha-se instalada no prédio da Estação, uma bem montada barbearia de propriedade dos Srs. Roedel e Salvador. Com profissionais competentes e atenciosos, a barbearia vem servindo a contento todos que freqüentam a rodoviária e que necessitam de seus serviços profissionais.

Banca de Jornais e Revistas

Também, junto à estação, existe uma bem montada banca de jornais, revistas e armarinhos e engraxataria. O proprietário da banca, Sr. Nilo Silvério, tem se esforçado para que não falem todos os jornais e revistas do dia, publicações do Estado e de todo o país, para bem servir os passageiros que transitam por nossa cidade.

Atividades do proprietário da estação

O Sr. Hoeltgebaum, ativo, cavalheiro e trabalhador, atende com solicitude e presteza a todas as dependências da Estação, zelando pelo bom funcionamento de todos os departamentos e conservando tudo na melhor ordem, merecendo por isso, os nossos aplausos e os nossos elogios, por constituir um dos homens que lutam pela grandeza e pelo progresso da nossa próspera e querida Blumenau.

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

Proposta de um Programa para as Exposições Coloniais*

TEXTO:

HERMANN
BLUMENAU



Capítulo I – Desígnio das exposições:

O desígnio das exposições coloniais é:

- 1ª tornar conhecidos, na possível extensão, quaisquer riquezas e recursos naturais brutos, existentes no respectivo distrito e nas partes adjacentes, que atualmente ou no futuro possam ser aproveitados na indústria ou no comércio;
- 2ª animar o progresso e a emulação na lavoura e indústrias por meio de prêmios honoríficos e, em certos casos, de prêmios pecuniários ou da compra de objetos expostos;
- 3ª promover e facilitar a mútua instrução, bem como as relações e os negócios entre os produtores e compradores.

Capítulo II – Épocas e números das exposições:

A época e o número das exposições que terão lugar em cada ano, hão de variar não somente segundo as condições climáticas e outras do respectivo distrito, como ainda segundo o número da população, a extensão da sua lavoura e indústria e o interesse, com que aquela participa praticamente nas mesmas exposições, exibindo objetos.

§ 1. Em geral e sobretudo nos primeiros anos se recomendará realizar-se uma só exposição anual e isto naqueles meses, em que os produtos industriais e agrícolas de maior valor e importância costumam ser trazidos em maior número ao mercado e à venda, para serem exportados.

*) Documento original registrado sob número PO2.48 – 486, Acervo Blumenau Colônia – Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”.

- § 2. Se porém as épocas das safras ou colheitas e da principal exportação dos diferentes produtos de maior importância para o comércio muito diferirem, de maneira que se torne difícil, convenientemente reunir tais produtos em uma só exposição e época certa, as datas das exposições hão de sucessivamente variar ou alterar em cada ano, a fim de que no decurso de dois ou três anos a cada um dos principais produtos caiba a estação mais própria para sua exibição.
- § 3. Se as circunstâncias locais, o desenvolvimento das culturas e da criação e o interesse e contingente com que o público participa nas exposições o aconselharem, e os fundos disponíveis para este fim o permitirem, podem ser efetuadas, além das exposições gerais, exposições especiais de alguns produtos de importância, como algodão, fumo, café, etc. ou de produtos da horticultura, como frutas, hortaliças, plantas de ornamento e flores, bem como de qualquer gado, recomendando-se enfim muito, que as exposições, sobretudo as gerais ou ainda as especiais de gado, sejam aproveitadas para o estabelecimento de regulares feiras para a venda dos mesmos.

Capítulo III – Objetos admissíveis nas exposições:

São admissíveis às exposições, além dos produtos brutos naturais, que tenham valor intrínseco ou possam Ter qualquer aplicação ou aproveitamento útil e não sejam de mera curiosidade, os de criação, lavoura, indústria e das artes do distrito, que formem objetos de regular indústria e comércio, os externos e mesmo estrangeiros seguintes:

- 1º. Quaisquer animais úteis para, por seu intermédio, serem introduzidas novas criações ou melhoradas as raças existentes do distrito, e quaisquer plantas úteis ou de ornamento ainda desconhecidas no mesmo.
- 2º. Quaisquer máquinas, aparelhos e utensílios ou seus modelos, que forem ainda desconhecidos ou não fabricados no distrito e que nele, com vantagem, poderiam ser empregados ou fabricados, bem como quaisquer outros objetos, que à população do mesmo possam servir de instrução profissional.

Além destes objetos são admissíveis:

- 3º. Tratados, relatórios ou breves notas sobre ensaios ou melhoramentos, executados em quaisquer ramos da lavoura e indústria do distrito, quando os objetos, de que tratam, por sua natureza só com grande dificuldade ou despesa ou de maneira nenhuma podem ser trazidos à própria exposição e sim nos respectivos lugares deverão ser examinados e apreciados.

Capítulo IV – Prêmios a conferir-se:

Os prêmios, a se conferir, consistirão em:

- 1º. Diplomas de Honra de três classes, como prêmios de primeira ordem;
 - 2º. Menções honrosas, com ditas de Segunda ordem; e, nos primeiros anos;
 - 3º. Prêmios pecuniários em três classes, para especialmente estimular a adoção, pela população, e o desenvolvimento ou melhoramento daqueles ramos de lavoura e indústria, para os quais as circunstâncias naturais e sociais do distrito apresentam mais favoráveis e vantajosas condições, mas que ainda não são exercidos em escala conveniente ou de maneira defeituosa ou atrasada.
- §. Além dos prêmios pecuniários podem ser concedidas subvenções pecuniárias para o transporte, à exposição de objetos de difícil e dispendiosos transporte, mas que sejam idôneos para a instrução e para excitar a emulação e tiverem merecido um diploma de primeira ou Segunda classe.

Capítulo V – Objetos para premiar-se:

São idôneos e capazes de serem premiados:

- 1º. - Com *Menções Honrosas* produtos brutos da natureza e artefatos que, não podem ser classificados numa exposição de colônia, propriamente agrícola e industrial, ou não têm valor mercantil, nem aplicação útil, ou enfim forem produzidos em quantidades tão mínimas, que não possam formar objeto regular de comércio, contudo se distinguem pela perfeição e o esmero da sua execução, bem como quaisquer objetos pertencentes às demais classes, que não merecerem prêmio mais alto.
- 2º. - Com *Diplomas de Honra* todos os objetos, com exceção dos do § antecedente, que constam do Cap. III, e se distinguirem por sua qualidade e perfeição ou por idéias novas e úteis, idôneas para instruir ou estimular os espectadores para ulteriores experimentos e aperfeiçoamentos.
- 3º. - Com *Prêmios pecuniários* os objetos, que, já tendo merecido Diplomas de Honra, no distrito formam ramos de criação, lavoura e indústria e assim de comércio já importantes, mas atrasados ou menos bem tratados, no que pelas circunstâncias naturais e sociais do distrito parecem especialmente qualificados, para constituírem tal ramo importante e lucrativo, mas ainda estão negligenciados, menos bem apreciados ou inconvenientemente tratados e cuja adoção ou progresso e melhoramento especialmente lutem contra a indiferença e falta de reflexão ou ânimo dos habitantes.

- § 1- Salvos os raros casos de merecimento inteiramente excepcional, não podem ser conferidos diplomas de honra de primeira e Segunda classe e prêmios pecuniários a produtos da lavoura e indústria rural quando estes não forem produzidos em quantidades tais, para que tanto por causa destes, como dos preços de venda, que pelo expositor devem ser indicados, formem efetivos objetos de comércio, ficando portanto e em regra excluídos de tais diplomas e prêmios os produtos, que não podem ser considerados como de regular fabricação e sim somente de amostras de ensaios. – Os expositores dos referidos produtos, que aspirarem às indicadas distinções, têm de declarar as quantidades produzidas, que devem ser da mesma qualidade, como as amostras expostas, bem com os preços, pelos quais os vendem. E manifestando-se acaso em seguida, que um ou outro premiado não procedeu de boa fé em tais declarações, tendo assim feito falsas, será publicamente declarado como cassado o respectivo prêmio, acaso adjudicado, ficando o expositor além disso e durante dois anos consecutivos excluído da concorrência nas exposições.
- § 2- Duas terças partes pelo menos da quantia disponível para prêmios pecuniários, serão empregadas em produtos agrícolas de exportação e especialmente aqueles, que carecem de ulterior fábrica ou lavra e cujo valor mercantil for particularmente determinado e aumentado pelo esmero, com que forem colhidos e preparados o mercado, como v. gr. Algodão, fumo, café, cacau, fécula, e massas torradas, fibras têxteis e outros análogos. O resto da quantia disponível será empregado com prêmios para estimular o amanho melhorado e regular do solo mediante arados e outros instrumentos aratórios e a preparação e o emprego regulares de estrumes, provenientes da própria economia doméstica, bem como a cultura, produção ou fabricação de quaisquer outros objetos, para os quais as circunstâncias do distrito apresentarem vantajosas condições e fundadas pressuposições de próspero desenvolvimento, merecendo especial atenção a cultura sistemática e florestal de essências de maior valor e préstimo, e enfim a domesticação de animais bravos e úteis do país, idôneos para a criação regular.
- § 3- Quanto for possível e compatível com os demais fins das exposições, será combinado os prêmios pecuniários conferidos, a compra ou aquisição dos respectivos objetos ou de uma porção dos mesmos, suficiente para evidenciar seu merecimento ou sua excelente qualidade, com o fim de, por meio das mesmas, pouco a pouco formar-se um museu permanente para a instrução, tanto dos habitantes do distrito, como dos estrangeiros, que o visitarem, para conhecerem os recursos do mesmo.
- § 4- Os tratados, relatórios ou escritos, mencionadas no Cap. III, 3, quando premiados, ficarão pertencendo à Comissão da Exposição para serem arquivados ou incorporados às bibliotecas das Sociedades de Cultura, que acaso existi-

rem, e sendo possível, serão convenientemente utilizados para a publicação não estando, contudo, inibido o autor, para da sua parte publicá-los.

§ 5 - O expositor que tiver sido premiado numa exposição, não o pode ser numa subsequente por objeto da mesma natureza, quando este não indicar evidente progresso sobre o anteriormente premiado, consista ele no melhoramento progressivo da qualidade ou no aperfeiçoamento da fabricação, pelo qual ficou conseguida economia de trabalho e despendido a produção aumentada, sem prejuízo da qualidade anteriormente exposta e premiada.

Capítulo VI – Das Classes e Grupos.

I Classe – Produtos brutos da natureza.

Grupo 1 – Reino Mineral.

Metais e minerais metálicos, sais e combustíveis minerais, pedras e rochas aproveitáveis para construções, artes e indústria, como mármore, pedras calcárias e alabastros; pórfiros, calcedônios, ágatas e outras idôneas por objetos de arte; pedras de amolar; caulins e argilas refratárias ou aproveitáveis para louça fina ou porcelana; e outros estrumes minerais, etc.

Grupo 2 – Reino Vegetal.

Madeiras de qualquer aplicação; plantas inteiras, folhas, raízes, cascas, flores e frutas, (sementes, nozes etc.) em estado seco, medicinais, oleaginosas, etc. ou idôneas para perfumaria, tinturaria, curtimento e outras indústrias; plantas alimentícias, filamentosas ou de qualquer outra aplicação e valor industrial ou mercantil, óleos, bálsamos, resinas, gomas e outras exsudações; coleções das florescências e frutificações, bem como de sementes, para a propagação, de espécies particularmente úteis e aproveitáveis e sobretudo daquelas que fornecem as melhores e mais preciosas madeiras do distrito.

Grupo 3 – Reino Animal.

Animais selvagens, idôneos para a domesticação e regular criação no próprio país ou requisitados pelo comércio e para jardins zoológicos; couros, peles, penas e outros despojos e partes de animais bravos; mel e cera, com as abelhas indígenas, casulos de seda com as borboletas indígenas; passarinhos, insetos e outros animais ou suas partes, já requisitados ou idôneos para o comércio, para ornamentos, ou uso medicinal etc., animais venenosos ou daninhos.

II Classe – Agricultura, economia e indústrias agrícolas e rurais, inclusive a criação acessória de diferentes animais, a horticultura, pombos e arboricultura e as culturas especiais.

Grupo 1. Economia agrícola em geral

Seção 1. - Relatórios ou notas sobre ensaios, procedimentos ou melhoramentos executados na prática e que só no próprio terreno podem ser examinados e apreciados e particularmente se referem à preparação de solo para a cultura regular e por instrumentos aratórios: derribamento do mato com aproveitamento, antes da queima, dos produtos valiosos do mesmo, além das próprias madeiras e lenha, como matéria-prima para uso de tinturarias, curtumes, perfumaria, medicina etc., ou filamentosas; excrescências, cepos e raízes de árvores, raiadas e com florões, idôneas para obras de fina marcenaria, maquetaria e escultura, óleos, bálsamos, resinas e gomas, a obter pela sangria antecedente ao derribamento, e outros produtos aproveitáveis. - Destocamento de cepas e raízes mediante máquinas, utensílios ou expedientes especiais, que facilitem tal trabalho, tornando-o menos dispendioso.

Seção 2. - Relatórios ou notas sobre obras executadas de enxugamento do solo pela drenagem ou de irrigação. Amanho e estrumação do solo cultivado em geral e de modos e com instrumentos diferentes, especialmente apropriados para os diversos gêneros de plantas e culturas.

Estrumação verde ou de ervas em pé, enterradas com os instrumentos aratórios. - Giro regular ou alternância metódica na cultura das terras aráveis; pastagens artificiais aperfeiçoadas e temporárias, que entram no giro regular da cultura rural. - Cultura de plantas forrageiras e seu racional emprego; fenos, ervas dessecadas etc. - Manutenção e engordamento de gado em currais cobertos; preparação e conservação de estrumes secos, fluídos e compostos e aproveitamento, para este fim, de todos os resíduos da economia rural e doméstica.

Seção 3. - Plantas, exposições ou notas sobre construções e edifícios rurais e agrícolas, executados no distrito, currais cobertos e descobertos, estrebarias, chiqueiros etc.; cercas fixas e movediças de arames, madeiras etc. e ditas vivas. - Celeiros e armazéns, especialmente, em que os cereais se conservam por prolongado tempo sem deterioração pelos insetos e bichos; alpendres e edifícios para dessecação e preparação de café, fumo em folha e análogos produtos; para colocação e boa disposição de engenhos e máquinas para algodão, café etc., para a fabricação de farinhas e féculas de tubérculos, de açúcar e outros de tais produtos.

Grupo 2. Culturas especiais em escala maior e grande.

Relatórios e notas sobre ensaios procedimentos e melhoramentos, executados no distrito e na cultura ou produção de:

Seção 1. - Legumes, cereais e plantas alimentícias.

Seção 2. - Plantas filamentosas, oleaginosas e tintureiras.

Seção 3. - Café, cacau, chá, fumo, algodão, cana-de-açúcar e outras plantas sacaríferas.

Grupo 3. Horticultura, jardinaria e culturas especiais acessórias; pomi e arboricultura, cultura sistemática de plantas nativas bravas e aclimação de exóticas; cultura florestal.

Seção 1. - Notas e relatórios sobre ensaios e processos melhorados e peculiares, executados na estrumação etc. do solo para os fins especiais; sobre preparação de estrumes peculiares e seu emprego; sobre plantas e culturas novas, experimentos de domesticação e aclimação; sobre poda da videira e das árvores frutíferas e outros métodos para aumentar o produto e melhorar as frutas das mesmas; sobre novos ou mais vantajosos métodos no uso, na conservação e no transporte dos produtos; sobre culturas florestais e métodos para aumentar o rendimento das matas existentes, o número das mais valiosas essências pela sementeira natural ou artificial e a criação de novo mato, com espécies apropriadas, em terrenos áridos, abandonados ou cansados.

Seção 2. - Horticultura e jardinaria e seus produtos brutos: hortaliças; frutas de plantas herbáceas (melões, ananás, etc.); sementes de hortaliças exóticas, produzidas no distrito; flores e plantas de ornamento.

Seção 3. - Culturas especiais acessórias e seus produtos brutos: plantas, raízes, ervas, flores e sementes aromáticas, medicinais, tintureiras etc., erva-doce, funcho, alcavaria, cominho etc.; alfazema etc.; lúpulo; papoula ou antes malva (*Althaea rosea*, var. de flor roxa-negra); papoula de ópio (*Papaver somniferum*); alcaçuz, rui-barba etc. etc.

Seção 4. - Pomi e arboricultura, inclusive as da videira e amoreira e seus produtos brutos; mudas, enxertos etc.; raízes, folhas, flores e frutas, idôneas para perfumaria, tinturaria, curtimento e outros usos nas artes e indústrias e no comércio; frutas comestíveis verdes, passadas, secas ou com pouco preparo (como v. gr. Castanhas européias e pinhões do país piladas, granulados, em sêmola etc.).

Seção 5. - Cultura sistemática de plantas indígenas bravas úteis e vantajosas para as artes e o comércio e idôneas para a cultura regular, e aclimação de ditas exóticas e os produtos de ambas estas seções, v. gr. Cânhamo dito de Nova Zelândia (*Phormium tenax*) e outras plantas indígenas filamentosas; Ipadu (*Erythroxylon Coca*); Guaraná (*Paulinia sorbilis*); Mate cultivado; Baunilha e outras plantas indígenas aromáticas etc. etc., - Esparto (*Stipa tenacissima*); Bambusas e outras gramíneas e plantas fibrosas exóticas, idôneas para obra de cesteiro e cordoeiro, para chapéus, massa de papel etc.; Iumagre (*Rhus coriaria* e outras espécies); árvores de Quinquina (*Chinchona spec.*); Senne (*Cassia spec.*); Goma arábica e do Senegal (*Acacia spec.*), etc. etc. - Cultura florestal: mudas, viveiros e plantações das espécies indígenas e exóticas de mais valor e uso.

Grupo 4. Animais de qualquer espécie, indispensáveis ou úteis para os estabelecimentos agrícolas; notas ou relatórios sobre especialidades na criação, domesticação ou aclimação, alimentação e engordamento; no aproveitamento para o transporte e tiro e para a produção de matérias, destinadas para fins especiais da economia doméstica ou do comércio. Animais vivos de criação melhorada do distrito; ditos introduzidos de fora para o aperfeiçoamento das raças animais especialmente adestrados para diferentes fins peculiares da agricultura; ditos úteis indígenas, domesticados e regularmente criados, ditos exóticos aclimatados e regularmente criados.

Seção 1. - Gado bovino; com especial atenção ao rápido desenvolvimento e à idoneidade ou destinação especial dos animais para a produção de carne e o fácil engordamento, ou a produção de leite ou o tiro; bois adestrados às rédeas no tiro de carros e instrumentos aratórios.

Seção 2. - Cavalos, jumentos, mulas; com especial atenção aos fins a que são destinados; peças especialmente adestrados.

Seção 3. - Gado suíno, com especial atenção ao seu rápido desenvolvimento, seu tamanho e o destino peculiar para a maior produção de carne ou a de gorduras.

Seção 4. - Gado lanígero; carneiros segundo seu tamanho e destino principal, seja este a produção de lã de qualidade ou de quantidade ou a de carne ou de gordura prevalentes.

Seção 5. - Cabras, segundo seu tamanho e produção de carne e leite, não convém de resto premiar ou animar esta criação senão em circunstâncias muito excepcionais e somente a dos animais encurralados, por serem excessivamente daninhos, quando soltas, a qualquer cultura regular e sobretudo às árvores e matas. – Cabras d'Angora; Lhamas e Alpacas.

Seção 6. - Coelhos ordinários; ditos africanos (coelho-carneiro), leporinos (híbrido de coelho e lebre); animais roedores indígenas domesticados e regularmente criados, como pacas e cutias etc.

Seção 7. - Aves úteis: pombas, galinhas; castração destas, capões, galinhas d'Angola; perus, marrecos, patos, gansos; aves úteis indígenas domesticadas e regularmente criadas: mutuns e jacus das diferentes espécies, inhambus, maculeão e outras galináceas; biguás e outras aves aquáticas. – Aves e pássaros de ornamento e luxo indígenas e exóticas, requestadas pelo comércio e regulamento criados. – Incubação artificial e aparelhos ou arranjos para este fim.

Seção 8. - Insetos: cochonilha; bichos de seda e abelhas indígenas e exóticas de diferentes espécies e raças regularmente criadas. Colméias e outros aparelhos, utensílios e expedientes aperfeiçoados na criação de abelhas e bichos de seda.

Grupo 5. Produtos da agricultura, consumidos ou trazidos ao mercado no estado bruto ou com pouco preparo.

Seção 1. - Raízes e tubérculos alimentícios; cereais e legumes; forragens verdes e secas, fenos etc.

Seção 2. - Sementes e frutos oleaginosos.

Seção 3. - Raízes, ervas, flores, frutas, sementes verdes ou dessecadas, alimentícios, aromáticos, tintureiros, ou de qualquer aplicação na indústria e requestados pelo comércio v. gr. Gengibre, açafrão da Índia, etc.; erva de anil dessecada etc.; cravo da Índia, café em casca, cacau, algodão em caroço etc.

Grupo 6. Produtos da criação assessoria de animais brutos e de primeira e Segunda.

Seção 1. - Lãs, pêlos, despojos peludos, penas, plumagens e produtos análogos.

Seção 2. - Cochonilha, casulos e ovos de bicho de seda; seda em ramos, favos, cera e mel coados.

Seção 3. - Leite condensado, manteiga e queijos.

Seção 4. - Carnes e gorduras salgadas, ensacadas, defumadas ou de análoga e simples maneira preparadas e conservadas para o consumo da casa e o mercado; chouriços, salames, presuntos, toucinho, gorduras derretidas ou puras.

Grupo 7. Produtos da Agricultura de primeira e Segunda elaboração.

Seção 1. - Cereais, legumes, grãos mondados, pilados ou quebrados, descascados, moídos em graniz, sêmola ou farinha; milho (canjica), feijão, ervilhas etc., arroz, cevada, aveia etc.; amendoim em grão etc.

Seção 2. - Raízes dessecadas ou torradas, massas, farinhas, féculas e amidos de qualquer espécie e origem; sagus e tapiocas.

Seção 3. - Fumo em rolo e folha, inclusive o cortado e picado, os cigarros e charutos.

Seção 4. - Café em grão; chá, mate bravo e cultivado; Ipadu (coca), guaraná.

Seção 5. - Açúcar, melado, aguardente e espírito de vinho.

Seção 6. - Fibras e filamentos limpos ou de primeira preparação: algodão em rama, fibras de pitas, gravatás etc.; cânhamos ordinário, da Nova Zelândia (*Phormium tenax*), de Manilha (*Musa textilis*) etc.; chu-má e ramie (*Boehmeria spec.*), jute (*Corchorus*) etc. etc.

Grupo 8. Produtos da horticultura, das culturas especiais acessórias e da pomar e arboricultura de primeira e Segunda elaboração.

Seção 1. - Hortaliças secas, em salmoura ou conserva.

Seção 2. - Sumos de frutas em estado natural ou condensado; doces de frutas, xaropes, geléias, massas ou marmeladas, frutas em calda e outros tais fabricados.

Seção 3. - Ópio e outros extratos; ácido cítrico impuro ou sumo de limão reduzido à massa.

Seção 4. - Vinhos de uva e de quaisquer frutas.

Seção 5. - Cerveja e outras bebidas fermentadas.

III Classe – Produtos de ofícios, artes e indústrias, indispensáveis ou de primeira importância para o bem estar, a prosperidade e o progresso de qualquer colônia ou apropriados para o melhor aproveitamento dos produtos, tanto espontâneos da natureza, com de trabalho humano.

Grupo 1. Ofícios e artes.

Seção 1. - Obras de pedreiro e canteiro: plantas em modelos de construção e edifícios executados; pedras de cantaria lavradas; obras e ornamentos arquitetônicos de cimento, gesso etc.

Seção 2. - Obras de ferreiro e serralheiro: machados, enxadas, foices, instrumentos aratórios, guarnições de carros, de máquinas, de engenhos etc.; fechaduras e outras obras de ferro.

Seção 3. - Obras de caldeireiro, latoeiro e funileiro: alambiques, caldeiras, tachos, raladores e mais obras necessárias para a lavra dos produtos brutos da agricultura e a economia doméstica.

Seção 4. - Obras de carpinteiro de edifícios, de carros e de construtor de engenhos, de rodas de água etc: plantas e descrições de construções executadas, modelos e partes de construções de dimensões tais, que não podem ser trazidos às exposições por inteiro; carroças, carros, carrinhos, arados de madeira etc. etc.; cangas de boi de ombro e de testa, canoas, batéis etc.

Seção 5. - Obras de tanoeiro

Seção 6. - Obras de marceneiro, torneiro e entalhador ou escultor de madeiras: escadas, portas, janelas, ornamentos e outras obras ou partes de construções; quaisquer trastes e mobílias; obras de madeira de entalho e escultura; parafusos, com suas porcas, de madeira para prensas de mandioca etc.

Seção 7. - Obras de cesteiro: tipitis, cestos etc.; móveis e trastes feitos de taquaras, bambusais, juncos, cipós, vime, fibras de palmeiras e outros tais materiais.

Seção 8. - Obras de cordoeiro, feitas de material indígena: cordas, tarrafas, redes etc., de filamentos de caraguatã etc.; cabos de cascas de cipó, de fibras de palmeiras etc.

Seção 9. - Obras de curtidor, seleiro e colchoeiro: couros curtidos e preparados, selins, arreios, jaezes para o tiro etc.; colchões e outras obras estofadas.

Seção 10. - Obras de alfaiate e sapateiro: vestidos e calçados, indus, tamancos.

Seção 11. - Obras de costura e da indústria doméstica propriamente feminina: fibras fiadas e tecidas; roupa e quaisquer trabalhos de agulha; flores artificiais de insetos e outro material indígena etc.; pontas e rendas, chapéus e quaisquer obras

entrançadas de palhas de gramíneas, de palmeiras etc., de caniços e outros tais finos materiais indígenas.

Seção 12. - Produtos das padarias.

Grupo 2. Indústrias propriamente ditas.

Seção 1. - Produtos das pedreiras, mais ou menos lavradas: ardósias, lajes, ladrilhos etc.; rebolos e pedras de amolar, mármore e outras rochas de superior qualidade lavradas.

Seção 2. - Produtos das olarias: telhas, tijolos, ladrilhos, ornamentos arquitetônicos, tubos para enxugamento ou drenagem etc.; louças; plantas e modelos de fornos aperfeiçoados e econômicos para os diferentes produtos das olarias e para cal virgem de pedra e de conchas.

Seção 3. - Produtos da indústria das madeiras: madeiras serradas, aplainadas ou de qualquer maneira lavradas à mão ou máquina.

§. Carvão vegetal e produtos da fabricação aperfeiçoada do mesmo em fornos: Alcatrão, piche, óleos e ácidos empireumáticos; acetato empireumático bruto de cal.

Seção 4. - Massas fibrosas brutas de apropriadas madeiras, taquaras, bambusais e outros tais vegetais para a fabricação de papelão e papel.

Seção 5. - Estabelecimentos e fábricas centrais em qualquer escala para a elaboração ou prontificação, para o mercado, dos produtos brutos dos pequenos lavradores, sobretudo da cana-de-açúcar, das raízes e tubérculos amiláceas, do café e fumo.

Seção 6. - Produtos da indústria rudimentar química: Óleos essenciais e espíritos e águas cheirosas destiladas; citrato de cal bruto seco; extratos de vegetais para tinturaria, curtimento e outras artes e indústrias.

Cap. VII – Do Júri e da adjudicação dos prêmios .

Art. 1. - Nas colônias, em que existirem sociedades ativas de cultura ou de outra denominação, que tiverem por fim promover os interesses comuns e o progresso na agricultura e indústria, será confiada a preparação e execução prática das Exposições a uma Comissão Geral, eleita pelas mesmas e composta de pelo menos três membros, a qual seguirá em geral pelos princípios e regras, estabelecidas no presente programa, recebendo e do melhor modo empregando tanto os fundos, destinados pelo Governo para as exposições e seus fins, como os que acaso para os mesmos em geral ou ainda para certos e definidos objetos ou progressos forem doados por particulares, cujas determinações a respeito serão rigorosamente observadas, uma vez que pela Comissão for recebida a dádiva.

Sobre o emprego destas, bem como das quantias, acaso apuradas por entradas, a Comissão prestará publicamente contas, conservando finalmente sob sua guarda os tablados e mais aprestos e objetos, que podem servir nas ulteriores ex-

posições, bem como saldos pecuniários, que acaso resultarem de uma exposição e terão seu emprego nas subseqüentes.

Art. 2. - Nas colônias ou distritos, em que não existirem tais sociedades, os diretores se incumbirão das funções e incumbências, mencionadas no art. Antecedente, agregando-se para este fim dois, pelo menos, habitantes idôneos do distrito.

Art. 3. - Para apreciar os objetos expostos e adjudicar os prêmios, será formado um júri, composto de quantas noções as circunstâncias locais e a escassez ou multiplicidade dos objetos expostos e dos ramos especiais da lavoura e indústria do distrito, que representam, tornarem necessárias ou convenientes.

§ 1. - No caso de escassez de objetos expostos e a apreciar-se, ou de pessoas idôneas para a função de jurados, a Comissão Geral funcionará também como júri, agregando-se para este fim quantos membros forem precisos; para elevar seu número pelo menos a cinco, inclusive o presidente e adjudicando definitivamente os prêmios em conformidade com as regras e os princípios, estabelecidos neste programa, e por maioria de votos, pertencendo ao presidente o voto de Minerva no caso de empate.

§ 2. - Se porém a multiplicidade e qualidade dos objetos tornarem acertada a subdivisão do júri em seções e existir pessoal suficiente para a apreciação, por peritos especiais, senão pela Comissão Geral e, na sua falta, pelo Diretor eleitos os chefes das mesmas seções, dos quais cada um se agregará dois peritos assistentes da sua escolha, para por maioria de votos indicarem os objetos, dignos para serem premiados, e os prêmios idôneos ou correspondentes.

§ 3. - Neste caso o Júri Geral será formado pelo presidente da Comissão geral e chefes das seções, contanto que o número destes seja de, pelo menos, quatro, adjudicando-lhes definitivamente os prêmios na forma indicada no regulamento.

§ - Se porém o número das seções for menor de quatro, a Comissão se agregará a quantos membros forem precisos, para elevar se a cinco, pelo menos, o número dos mesmos, procedendo em seguida da mesma forma.

Colônia Blumenau, no mês de outubro de 1874.

Dr. Hermann Blumenau.

Proposta

de um Programa para as Exposições Coloniais

Capit. I. Objeto das exposições

O designo das exposições coloniais é:

- I.° tornar conhecidas na pátria colonial as riquezas regionais e recursos naturais locais, existentes no respectivo distrito e nas partes adjacentes que se encontram ou se acham por descobrir no aproveitador na industria ou no commercio;
- II.° animar o progresso e a emulação na lavoura e industria e por meio de premios incentivá-los a promover a melhoria das produções ou da compra de objectos superiores;
- III.° promover e facilitar a melhor intelligência, commercio e trocas e os negócios entre as produções e consumidores.

Capit. II. Efectos e vantagens das exposições

A Exposição e o concurso das exposições, que tanto fazem em cada anno, faz de elles um elemento importante de intelligência entre os produtores de productos distinctos e de grande influencia sobre a população, a cultura da sua lavoura e industria e influencia sobre a sua actividade, politicamente, participando nas mesmas exposições, exhibando objectos.

II.° tem grande utilidade na promoção e melhoria das produções, melhorando a cultura e a intelligência e a actividade e a influencia sobre a população, a cultura da sua lavoura e industria e influencia sobre a sua actividade, politicamente, participando nas mesmas exposições, exhibando objectos.

III.° de promover a cultura da lavoura e da industria e a cultura da população, a cultura da sua lavoura e industria e influencia sobre a sua actividade, politicamente, participando nas mesmas exposições, exhibando objectos.

Original da primeira página da
"Proposta de um programa para Exposições Coloniais"

Memórias

Denominações antigas de localidades em Blumenau

TEXTO:

NELSON
PAMPLONA*



Affenwinkel – Canto dos macacos – localizado no vale do Ribeirão Fresco onde atualmente se estende a rua Pastor Oswaldo Hesse.

Garuve – Fundos da Rua Pastor Oswaldo Hesse (Morro da Garuva).

Bandwurmsquelle – Fonte da Tênia – era uma curva em forma de arco na Rua Amazonas, neste local havia uma fonte natural de água que caía do morro, e se constituía numa parada obrigatória de todas as carroças, que se dirigiam ao centro da cidade para dar água aos seus animais.

Jararackebach – Riacho das Jararacas – pequeno afluente que deságua no Ribeirão da Velha.

Toter Arm – Braço Morto – Trecho do Ribeirão Garcia, localizado atrás da atual Praça da Fonte Luminosa. Formava uma larga e baixa bacia, que enchia de água quando o rio estivesse em nível mais alto. Após vazante, formava uma lagoa que quando secava havia abundância de peixes retidos.

Poço da Moça – Localizado no Ribeirão Garcia, atrás do estádio do Clube Olímpico, onde o rio fazia uma curva em forma de arco. Dentro desse arco, devido às correntezas, formou-se um poço de águas profundas. Emoldurando o poço, um morro escarpado e quase na perpendicular, servia de trampolim para os mais arrojados mergulhadores, os quais eram classificados pela altura da qual se jogavam de cabeça nas águas do poço.

* Colaborador da Revista "Blumenau em Cadernos".



Bom Retiro – Vila operária (Década 40)

Jammertal – Vale do Inhamé (Jama, corruptela de Inhamé) – atual bairro do Bom Retiro.

Aipimberg – Morro do Aipim (Aipi, corruptela de aipim) – Morro onde atualmente está localizado o Restaurante Frohsinn.

Capim Volta – Curva do Aipim (palavra da língua portuguesa arranjada de acordo com a gramática alemã, onde o substantivo aipim passou a qualificar o substantivo volta) – região da atual Rua São Bento.

Heringsheim – Lar da família Hering – na atual Bom Retiro, o complexo da Companhia Hering.

Rua Nova – a atual Rua 7 de Setembro.

Ziegenstrasse – Rua das Cabras ou Beco das Cabras – atual Rua Pedro Krauss, transversal da Rua Itajaí.



Ponta Aguda – Década de 20

Scharfe Ecke – Ponta Aguda – atual bairro com esta denominação.

Palmenallee – Rua das Palmeiras – atual Alameda Duque de Caxias.

Gespensterstrasse – Rua do Fantasma – atual Rua Ângelo Dias, onde um certo senhor, à noite, para visitar a amante sem ser reconhecido, saía envolto em um lençol.

Schnapstrasse – Estrada da Cachaça – antiga denominação da rua que conduzia ao atual bairro da Itoupavazinha.

Sargberg – Morro do Baú – visto de uma certa direção possui o formato de uma urna funerária.

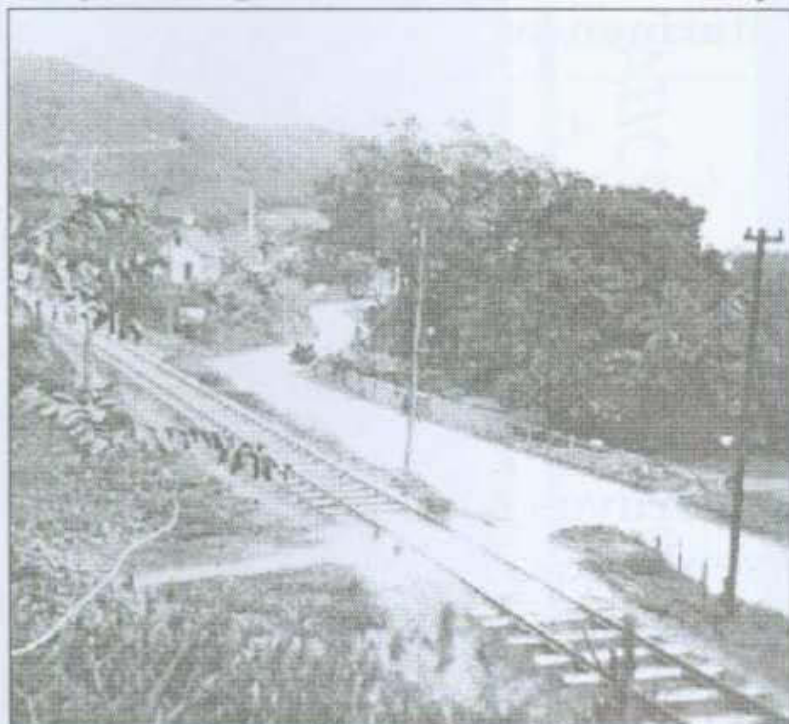
Hundeberg – Morro do Cachorro – tomou este nome quando um grupo de pessoas subiu o morro para fazer um piquenique. Ao pé do mesmo havia uma casa onde estava uma cadela prenha e que acabou subindo com os

visitantes. Na volta todos tiveram que carregar os filhotes de cachorro que haviam nascido no alto.

Schweinerücken – Costa do porco – morro entre Velha e Bom Retiro sempre escalado por um grupo de escoteiros e ginastas.

Spitzkopf – Cabeça pontuda – o morro localizado no Vale do Garcia, possui 920 m de altura.

Vorstadt – Subúrbio – Atual Rua Itajaí.



Vorstadt – Década 50



Altona – Década de 40

Altona - cidade perto de Hamburgo região de origem do comerciante e político Pedro Christiano Feddersen, ilustre morador da localidade que atualmente constitui o Bairro Itoupava Seca.

- **Escravos e senhores**
- **Presente dos deuses**
- **Os três “Portugas”**

TEXTO:

ENÉAS
ATHANÁZIO*



Escravos e Senhores

Como não temos crítica, muitos livros são publicados e caem no esquecimento sem que ninguém se manifeste a respeito deles. Livros trabalhosos, exigindo esforço e tempo na confecção, passam em branca nuvem e o autor nem sequer fica sabendo o que pensam dele. Foi mais ou menos isso o que aconteceu com “A Escravatura em Camboriú” (Edição do Autor –1998), de Isaque de Borba Corrêa, o historiador da cidade e da região. Exceto a divulgação feita por esta revista, nada vi na imprensa sobre ele. E no entanto, é um livro bem feito, rico em informações e importante para o conhecimento de nosso passado.

Nesse livro, munido de dados obtidos em longas pesquisas, o autor revela como foi a escravidão em Camboriú. Na época, Balneário não existia; era apenas uma praia semi-deserta. O volume contém documentos, fotos, gravuras, tabelas e gráficos que muito o enriquecem e procura penetrar nos fatos até nas minúcias, valendo-se inclusive de entrevistas com moradores antigos e descendentes de escravos. Procura reabilitar os escravos, “numa homenagem póstuma que resgata sua identidade...”

Afirma ele que em Camboriú “de uma maneira geral, os senhores eram bons, tratavam razoavelmente bem seus escravos...” Com o respeito devido, permito-me duvidar porque a escravidão era em si mesma uma violência inominável que deveria repugnar a qualquer pessoa realmente bondosa. É verdade que seus três séculos de duração, no Brasil, parecem ter amortecido a indignação contra

* Escritor e Advogado.

ela, tanto que até sacerdotes e pessoas que viviam rezando eram senhores de escravos. Vale lembrar, como exemplo do pensamento dominante, a passagem de Érico Veríssimo onde ele relata o caso do escravo condenado à morte na forca. Inconformado, o médico alemão Dr. Carl Winter, comenta o fato com uma moça educada e religiosa de elite de Santa Fé, quando ela lhe diz com todas as letras que não tinha pena porque “negro não é gente, não tem alma!”

Essa pequena discordância, no entanto, em nada afeta o mérito do livro. Nele o autor estuda o trato entre escravos e senhores, o início da escravidão na região, os traficantes, as lendas e histórias, os nascimentos, casamentos, transações e óbitos de escravos, alforrias, doações e muitos outros aspectos, publicando até mesmo as tabelas nominais de nascimentos, das mães e seus filhos, dos padrinhos e madrinhas, das compras e vendas, de modo que é possível levantar a genealogia das pessoas e descobrir seus descendentes ainda vivos.

Para aliviar a frieza dos fatos, o autor intercala casos e episódios pitorescos, alguns jocosos e outros nem tanto, como do senhor que lunquiava a sola dos pés da escrava fujona. O serrano diria lonquear, isto é, tirar uma lonca. E muitos outros.

Concluindo, diria que o livro merece divulgação e leitura pelo muito que ensina sobre a região e a cidade que adotamos, sua gente e sua história. Valeu !

Presente dos Deuses

Como em tudo que faz, Edson Ubaldo põe o melhor de si mesmo e sempre realiza coisas boas. Esse jurista, contista, poeta, articulista, conferencista e músico está mostrando agora mais uma de suas especialidades -- a de “expert” em vinhos. A Editora Letras Contemporâneas, de Florianópolis, editou no final do ano passado o livro de sua autoria “Vinho -- Um Presente dos Deuses” com o qual ele revelou, de forma indiscutível, o domínio que tem de assunto tão complexo quanto sofisticado. Partindo da vinha, sua origem, história e características, estuda seu cultivo, a vindima e outros aspectos da extraordinária planta em suas principais zonas de cultivo em todo o mundo. Dedicando depois todo um capítulo à vinha no Brasil antes de abordar o vinho -- o presente dos deuses -- sob todos os ângulos imagináveis: história e evolução, dos primórdios até hoje, sua elaboração, classificação e apresentação, concluindo com um capítulo denominado “Da Garrafa à

Mesa” no qual aborda todos os aspectos que possam interessar a entendidos e iniciantes, como a guarda do vinho, o modo correto de servir, não esquecendo do instrumental indispensável, como o suporte, o decantador, o saca-rolhas, o termômetro, os cálices e taças apropriados. É claro que não poderiam faltar noções sobre a degustação, o vinho e a culinária, o vinho e os pratos e a forma de agir nos restaurantes. Trata-se, como se vê, de um pequeno tratado sobre o assunto, capaz de educar nessas práticas os mais despreparados e servir como fonte de recapitulação para os entendidos. Além disso, o livro é muito bem feito no aspecto gráfico, contendo qualificada bibliografia para quem tenha interesse em se aprofundar na matéria. Depois desse livro, escrito por um catarinense, nenhum de nós tem o direito de cometer gafes ao saborear esse presente dos deuses, seja em “petit-comité”, seja em público.

Os Três “Portugas”

Três portugueses, todos radicados em Chapecó, vêm desenvolvendo intensa atividade cultural na região, promovendo inclusive o Encontro Estadual de Escritores, em novembro do ano passado, um dos melhores que tivemos. Agora o trio acaba de se reunir, mais uma vez, nas páginas de um livro “sui generis”, desses de duas frentes, mostrando seu talento e criatividade. Torres Pereira, cronista e ensaísta, entrou com um punhado de boas crônicas, muito vivas e bem humoradas, refletindo por certo o temperamento do próprio autor, um buliçoso, como o definiu Flávio José Cardozo. Sua participação tem o título geral de “Amassos Literários Mais que Irreverentes.” Silvério da Costa, no lado oposto do livro, escritor e poeta bem conhecido, comparece com uma seleção de bons poemas sob o título geral de “Poemas Líricos e Outros Poemas”. O miolo do volume, por fim, é ocupado por reproduções de obras do artista plástico Agostinho Duarte, desenhista, pintor, decorador e gravurista, nascido em Goulinho, Oliveira do Hospital, em Portugal. São óleos sobre tela, acrílicos e reprodução de um mural, em suas cores originais, revelando a criatividade do autor. Sobre ele escreveu Lindolf Bell: “O autor através de técnicas expressionistas transforma-as em exercícios pictóricos, onde certos detalhes (seios, principalmente) tornam-se monumentos. Saltam da tela, invadem o espaço, agridem e carregam uma aura de perplexidade.” Em suma, é um livro bem feito, de excelente apresentação, e de conteúdo rico, revelando autores dedicados e decididos. Valeu!

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

✂ ————— ✂ ————— ✂ —————

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 2000 (Tomo 41). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

✂
Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

☐ Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome:

Endereço:

Bairro: Caixa Postal:

CEP: - Fone p/ contato:

Cidade: Estado:

✂

.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Cremer S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia. Hering

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeiraira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau



TOMO XLI
Maio de 2000 - N°. 05

A

antiga Igreja Católica de Blumenau foi projetada pelo arquiteto da Colônia, Heinrich Krohberger, e festivamente inaugurada em 24 de dezembro de 1876. Posteriormente, ocorreu uma reforma na torre central para colocação do relógio, inaugurado em 1930. Lamentavelmente, esta belíssima construção gótica foi demolida em 1953.

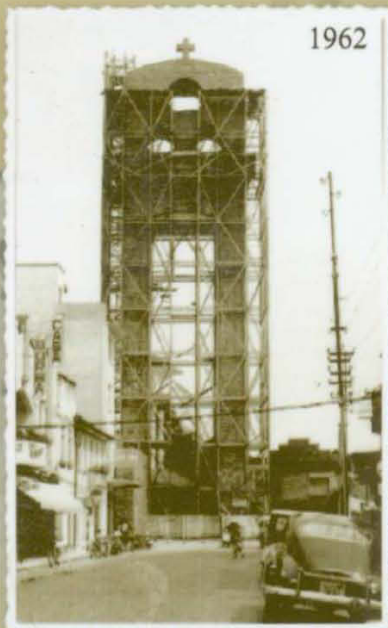
No local, sob a orientação do pároco Frei Brás Reuter O.F.M., construiu-se a monumental e contemporânea Igreja Matriz São Paulo Apóstolo. A primeira missa na nova sede ocorreu em outubro de 1956.

Integrada no cenário paisagístico da cidade, a Igreja Matriz foi elevada à categoria de Diocese no ano 2000, passando a denominar-se Catedral São Paulo Apóstolo de Blumenau.

ATUAL



1962



1930



Blumenau — Matriz

1900

